

IMIGRAÇÃO ITALIANA & IGREJA CATÓLICA: UM ESTUDO DE CASO EM NOVA TRENTO-SC

Immigration & Italian catholic church: a case study in Nova Trento-SC

José do Nascimento¹
Eloisa Klein¹

Resumo: Este Trabalho de Graduação trata de objetivar a relação entre imigração italiana e a religião católica a partir do estudo de caso do município de Nova Trento, no período de 2005 a 2014. Para tanto, foi adotado o Método Bibliográfico, isto é, jornais, documentos dos Arquivos Públicos e Eclesiásticos, Dissertações, Teses e outras referências de estudos acadêmicos além da história oral. As informações construídas com os dados obtidos foram sistematizadas em três capítulos que tratam de alguns aspectos da unificação italiana, buscando analisar os aspectos religiosos e a interferência da Igreja Católica no dia a dia dos camponeses e a vinda destes para o Brasil, no grande êxodo italiano, no final do século XIX, para fazer la Merica, afirmando-se como um local para que os descendentes de italianos fizessem a cucagna.

Palavras-chave: Imigração. Religião. Turismo. Madre Paulina.

Abstract: This paper has the objective to observe the relationship between Italian immigration and the Catholic religion from the case study of the city of Nova Trento, from 2005 to 2014. Therefore, the Library method was adopted, with a reading of documents like newspapers, documents Public Records, Ecclesiastical, dissertations, theses and other references to academic studies and oral history. Information constructed with data obtained were systematized in three chapters dealing with some aspects of Italian unification, trying to analyze the religious aspects and the interference of the Catholic Church in the daily life of peasants and the coming of these to Brazil, the great Italian exodus at the end of the nineteenth century to america, asserting as a place for the Italians descendants.

Keywords: Immigration. Religion. Tourism. Madre Paulina.

Introdução

“Os verdadeiros intelectuais ou são alinhados com o poder, tentam abrir seu caminho no mundo, ou têm uma relação crítica com o poder e precisam testá-lo, interrogá-lo e, sobretudo, expor as consequências propositais ou inconscientes do poder”. (HALL, 2003, p. 3).

A ideia principal desta pesquisa é investigar alguns aspectos que envolvem a história da imigração italiana em Nova Trento, de forma a destacar como se constituíram as relações entre imigração e religiosidade no período de 2005 a 2014.

Pesquisar um evento histórico no momento em que ele acontece é uma tarefa muito instigante. Envolver-se com as fontes, geralmente mais acessíveis que as encontradas pelos historiadores de épocas distantes, conduzem o pesquisador por entre caminhos até recentemente pouco explorados. Nesse trajeto, os grandes mistérios quanto à interpretação da linguagem são abolidos, uma vez que os símbolos são conhecidos e vivenciados pelo pesquisador, inserido no contexto que pretende apreender.

[...] o pesquisador é contemporâneo do seu objeto e divide com os que fazem a história, seus atores, as mesmas categorias e referências. Assim, a falta de distância, ao invés de um inconveniente, pode ser um instrumento de auxílio importante para um maior entendimento da realidade estudada, de maneira a superar a descontinuidade

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

fundamental, que ordinariamente separa o instrumento intelectual, afetivo e psíquico do historiador e aqueles que fazem a história. (CHARTIER, 1998, p. 24).

A história do presente, que tem como característica básica a presença de testemunhos vivos, suscita crescente interesse e inúmeros debates, cujos objetivos são os de definir uma metodologia, fundamentos e princípios desse enfoque historiográfico, e justifica-se pela vontade de entender os impactos das transformações aceleradas das últimas décadas e reagir a eles. (CHAUVEAU, 1999).

A história sobre os planos, as ações e as experiências referentes à imigração italiana constitui-se, sem dúvida, numa história do tempo presente, pois seu cerne se encontra nas duas últimas décadas. Se por um lado as facilidades são grandes, devido à farta documentação, por outro, o grande desafio do pesquisador, neste estudo, foi o de dar sentido às leituras bibliográficas e ao *corpus* documental.

Para alcançar tal meta, buscamos o conhecimento na pesquisa bibliográfica, fizemos a leitura dos planos para o turismo das administrações públicas estaduais e municipais do estado de Santa Catarina, que se mostraram fundamentais, sobretudo aqueles referentes aos últimos 14 anos, quando começa a surgir de forma mais relevante a preocupação com o turismo religioso no Estado. Assim, buscamos nos periódicos estaduais e municipais as tessituras e seus possíveis diálogos, certamente conflituosos, como marco inicial para dar visibilidade às contradições e mostrar os embates ideológicos sobre o tema.

As fontes escritas, como os jornais, foram pesquisadas no Arquivo Público do Estado, na Biblioteca Pública de Florianópolis e na do Município de Brusque. Na Cúria Metropolitana de Florianópolis, na Matriz de Nova Trento e no Santuário buscamos os registros documentais, enquanto que no Arquivo da Assembleia Legislativa estão os documentos referentes às mensagens de cada Governador em relação ao município abrangido nesta pesquisa.

No uso da metodologia da história oral, não se pretende radicalizar e entender o relato dos testemunhos como “aquilo que realmente aconteceu”; tampouco se tem a pretensão de preencher os vazios que a tradição historiográfica, eclesiástica ou não, deixou em Santa Catarina. Neste sentido, usar as fontes orais para encontrar a “verdade” seria dar uma visão muito simplista para a complexidade do uso da história oral. Antes, essa é entendida como “uma fonte documental a mais para o trabalho do historiador e, como tal, sujeita aos mesmos cuidados que dedicamos a outros materiais, reconhecendo suas potencialidades e colocando sempre as questões advindas de nossas problemáticas de investigação”. (CHARTIER, 1998, p. 20).

A renovação dos estudos históricos ganhou força a partir da Escola dos *Annales*, justificando o uso da micro-história, que entre outras coisas, tinha como pretensão compreender as relações entre um objeto individual ou particular dentro de um meio mais geral. Seguindo o pensamento de Giovanni Levi, tem-se que a micro-história não procura

sacrificar o conhecimento dos elementos individuais a uma generalização mais ampla, e de fato acentua as vidas e os acontecimentos individuais. Mas, ao mesmo tempo, tenta não rejeitar todas as formas de abstração, pois fatos insignificantes e casos individuais podem servir para um fenômeno mais geral. (LEVI, 1992, p. 158).

Pretendemos, nesta pesquisa, compreender o processo particular da imigração italiana dentro da perspectiva da religiosidade. A descrição entre imigração italiana e religiosidade a partir do estudo de caso do município de Nova Trento, no período de 2005 a 2014, está intimamente relacionada com o paradigma de mercado. A visão de mundo volta-se para a religiosidade, na qual se encontra um novo filão de consumo e possibilidades econômicas para o municí-

pio, visto que a primeira santa do Brasil morou na região. Com isto, pode-se perceber em Jean Baudrillard (1991, p. 47) usa o termo da “mensurabilidade da felicidade” no mundo moderno, em busca de meios que se legitimam no “espelho” e “vitrine”, onde o homem fica absorto na imagem refletida do espelho e contemplativo na vitrine. Com o turismo, os territórios nacionais e internacionais se reconhecem e se relacionam, as migrações se multiplicam, os modos de vida se padronizam. A mobilidade social no espaço torna-se uma condição de existência. Dessa forma, observa-se a influência do planejamento turístico sobre o desenvolvimento da urbanização de Nova Trento, já que essa atividade exerceu influências determinantes para o progresso socioeconômico da região.

Devido ao curto espaço de tempo e à complexidade do tema, optou-se por limitar o estudo ao Santuário de Santa Paulina, visto que a canonização e a criação desse santuário em 2002 fizeram com que a região adquirisse maior importância no cenário nacional, proporcionando um maior fluxo de pessoas que procuram o Estado.

Foram excluídos outros Santuários, como o de Nossa Senhora de Azambuja, em Brusque, e o de Nossa Senhora do Bom Socorro, em Nova Trento, não por serem considerados pouco importantes, pelo contrário: acredita-se que, por serem os mais antigos do Estado, carecem de estudos mais aprofundados que permitiriam a compreensão de fenômenos ligados à colonização italiana da região, sob a ótica da religião. Além disso, a importância do Santuário de Azambuja para a Arquidiocese passa pela construção do Seminário, do Hospital, da Gruta, do Asilo, do Hospício e do Morro do Rosário, importantes para a propagação Mariana e a romanização² da população, realizada em sua maioria pelo clero enviado pela Sé romana. Os padres estrangeiros, como os franciscanos jesuítas e do Sagrado Coração de Jesus também atuaram em outras regiões do Estado, além de Brusque. O mesmo se pode dizer com relação aos padres teuto-catarinenses formados em São Leopoldo e Pareci Novo, no Rio Grande do Sul (ALVES, 2014).

Na ambiguidade das ações governamentais, os administradores públicos têm se preocupado em demonstrar interesse no Santuário, mas com pouca praticidade quanto ao que compete a ele, principalmente com relação às vias de acesso ao monumento. A economia do município e de seus circunvizinhos, até indiretamente no âmbito regional, esperavam da imagem de Santa Paulina a solução para seus problemas econômicos. Por outro lado, constitui-se em motivo de orgulho para os neotrentinos ter em sua “casa” a primeira santa brasileira como mola propulsora para alavancar o município e, desta maneira, a cidade toma pequenas decisões particulares. Com isso, se resumem alguns capítulos de glórias e conquistas, nos quais não haveria espaço para homens e mulheres comuns participarem do grande espetáculo da história como sujeitos ativos.

É proposto aqui não preencher essas lacunas, mas mostrar as possibilidades de outras versões para a história da imigração e do Santuário de Santa Paulina, pois “o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”. (BENJAMIM, 1995, p. 223).

Para fins didáticos, a pesquisa foi dividida entre os Fios Condutores da Imigração Italiana e o Rumo à Cuccagna, foram abordados alguns aspectos da unificação italiana, buscando analisar os aspectos religiosos e a interferência da Igreja Católica no dia a dia dos camponeses e a vinda destes para o Brasil, no grande êxodo italiano, no final do século XIX, para fazer *la Me-*

² Do reconhecimento do Brasil à Proclamação da República, o catolicismo foi a religião oficial do Brasil, devido ao acordo conhecido como *Padroado*, firmado entre o Papa e a Coroa portuguesa. Neste tipo de acordo, todas as terras que os portugueses conquistassem deveriam ser catequizadas, mas tanto as igrejas quanto os religiosos se submeteriam à Coroa portuguesa em termos de autoridade, administração e gerência financeira. Com a proclamação da República, foi declarada a independência do Estado em relação à Igreja e foi instituída a liberdade de culto, sendo o Brasil declarado um estado laico. A partir da segunda metade do século XIX, a Igreja no Brasil busca fortalecer-se com a Sé romana, separando-se cada vez mais do Estado segundo um modelo inspirado no Concílio de Trento e do Vaticano I. Esse processo é conhecido como *romanização*.

rica. Abordou-se, também, a formação da Capela de São Jorge, logo em seguida mudada para Nossa Senhora de Lourdes por questão devocional e imposição dos padres jesuítas, firmando suas raízes até na data presente em Nova Trento. A fim de compreender os motivos e o processo de instalação desse centro religioso, foram utilizados autores como Roselys dos Santos, Renzo Maria Grosselli, Rovílio Costa, Michel Lacree, Michel Foucault e tantos outros.

Por fim, o entrelaçamento entre história e religião, há algum tempo, despertou, no pesquisador, por experiências pessoais, buscar essa relação; fé e turismo, como quando grupos de peregrinos pernoitavam em Gênova - Itália para seguirem até Lourdes, na França. Desde então, tornou-se inquietação sobre as diversas razões que levam as pessoas a realizar essas viagens. Ao identificar esse fenômeno também no Brasil, em Santa Catarina, especialmente no Santuário de Santa Paulina, encontrou-se um vasto campo ainda pouco explorado pela historiografia. Com a consciência de que a história é um tipo de conhecimento humano, e como tal sujeita a erros e acertos, arriscou-se buscar alguma luz por além da neblina que encobre a trilha do conhecimento, com a certeza de que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”. (BENJAMIM, 1995, p. 224).

Alguns fios condutores da imigração italiana

Como os pássaros vão de um continente a outro no mudar das estações, assim o homem deixa sua terra para descobrir em outros países a felicidade e a melhoria da própria existência. Porém, enquanto os animais migram sem obstáculos, os homens nem sempre são livres para deixarem as suas casas. (FINARDI; BUZZI, 1976, p. 45).

Esta jornada, a vinda dos imigrantes italianos para o Brasil, começa com a metáfora das ervas daninhas de Gilles Deleuze e Felix Guattari, entretanto, isto não simboliza que os imigrantes italianos fossem danosos, procurou-se, aqui, demonstrar como eles saíram da Itália e como se adaptaram por estes recôncavos, bem como foram transportados nas asas do tempo e teceram seus fios e rizomas em novas paragens a partir da segunda década do século XIX.

Neste sentido vale diferenciar o sentido os diferentes sentidos do conceito de árvore na visão de mundo ocidental e na visão de mundo oriental.

É curioso como a árvore dominou a realidade ocidental e todo o pensamento ocidental. O Ocidente tem relação privilegiada com a floresta e o desmatamento. O Oriente representa uma outra figura: a relação com a estepe e o jardim. Não existiria no Oriente algo como um modelo rizomático que se opõe sob todos os aspectos ao modelo ocidental da árvore? O rizoma, ao contrário da árvore que é fixa e rígida, é uma cultura de tubérculos que procede por fragmentação e multiplicidade. No Ocidente, a árvore plantou-se nos corpos, endureceu e estratificou até os sexos. Ao contrário, no Oriente, o rizoma é uma libertação da sexualidade, não somente em relação à reprodução, mas também em relação à genialidade. Nós do Ocidente perdemos o rizoma ou a erva. E conforme Henry Miller, a erva daninha é a Nêmesis dos esforços humanos. Entre todas as existências imaginárias que nós atribuímos às plantas, aos animais e às estrelas, é talvez a erva daninha aquela que leva a vida mais sábia [...], a erva existe exclusivamente entre os espaços não cultivados. Ela preenche os vazios, ela cresce entre e no meio das outras coisas. A flor é bela, o repolho útil, a papoula enlouquece. Mas a erva é o transbordamento, ela é uma lição de moral. (DELEUZE, 1996, p. 29).

Com essa metáfora inicia-se este TG, que sintetiza a vinda desses imigrantes e pode ser aplicada no estudo dessa primeira fase, destacando-se alguns fenômenos da construção do

Santuário de Santa Paulina, em Vígolo – bairro de Nova Trento. E há que se recordar que o solo nesta localidade do Estado de Santa Catarina, é o lugar de enraizamento de um grande número de retirantes neotrentinos, lombardos, poloneses e tantos outros.

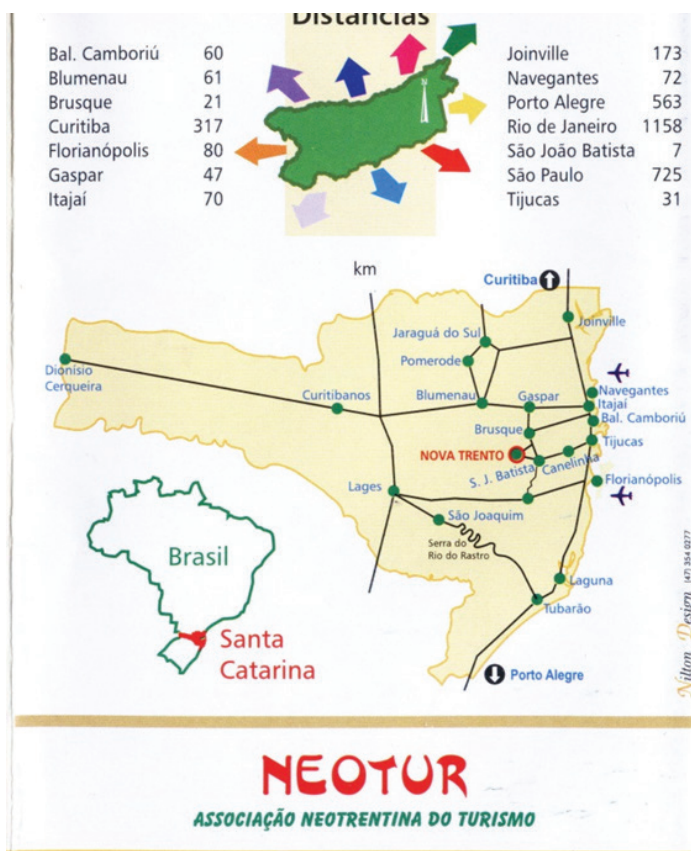
Nova Trento situa-se no Vale do Rio Tijucas, distante aproximadamente 84 quilômetros da capital catarinense, Florianópolis. Os maiores centros urbanos ao seu redor são Brusque, 21 quilômetros ao norte e, à nordeste a cidade de Tijucas, distante 31 quilômetros pela rodovia SC 411, estando, também, a 60 quilômetros do Balneário Camboriú, pela rodovia SC 411 e BR-101.

A sua extensão territorial é de 431 quilômetros quadrados, e é situada nas seguintes coordenadas geográficas: 27°17'09" de latitude sul e 48°55'17" de longitude oeste. O município é composto por três distritos: Distrito Sede, Distritos de Aguti e Claraíba. Eles possuem, respectivamente, uma área urbana de aproximadamente 39 quilômetros, além de 391.52 quilômetros de área rural. A altitude média de Nova Trento é de 30 metros acima do nível do mar. Sua população, segundo censo de 2000, é de 9.853 habitantes, sendo 63% urbana e 37% rural, com uma densidade demográfica de 23.99%.

Limita-se ao norte com Botuverá e Brusque, ao Sul com Major Gercino e São João Batista, à leste com Canelinha e à oeste com Leoberto Leal e Vidal Ramos. A maioria dos limites geográficos do município é natural: rios e montanhas. A comunicação terrestre se dá pela ligação entre os Vales do Rio Tijucas e Rio Itajaí.

Na Figura 1, a seguir, é possível visualizar o município, sua localização no estado de Santa Catarina e seus limites territoriais.

Figura 1. Localização geográfica do município de Nova Trento (SC)



Fonte: Neotur – Associação Neotrentina do Turismo (2000)

Unificação Itália e seus processos

O município de Nova Trento é considerado um dos três principais polos de colonização italiana no Estado de Santa Catarina³. Porém, é preciso apontar, antes, alguns fenômenos da história da Itália⁴ nos anos que precederam a vinda dos imigrantes italianos para o Brasil. Para compreender historicamente a emigração italiana no final do século XIX não basta estudar a história política da Itália, mas, também, devem-se conceber alguns elementos do cotidiano dos italianos por volta de 1861, ano da Proclamação do Reino da Itália.

No contexto de transformações políticas o advento da doutrina cristã romana ocupava papel central na vida e no imaginário da sociedade; tal ocupação se dava pelo clero para combater os males e a imoralidade na sociedade (SANTOS, 1999, p. 217). Para Bronislawo Baczko, o imaginário serve como referencial de controle da vida coletiva e de exercício da autoridade e do poder. Ele acrescenta que a representação do imaginário social é sustentada pela sua hegemonia, e que “qualquer poder procura desempenhar um papel privilegiado na emissão dos discursos que veiculam os imaginários sociais, do mesmo modo que tenta conservar certo controle sobre os seus circuitos de difusão”. Essas práticas eram um elo de sustentação, “representações da ordem social, dos atores sociais e das relações recíprocas [...], das instituições sociais em particular que dizem respeito ao exercício do poder” (BACZKO, 1985, p. 309 e 313).

A formação do Estado Italiano trouxe consigo medos, intranquilidades e utopias⁵. Nesse mundo de crise, Rovílio Costa (1981, p. 90) relata que “os imigrantes italianos, em sua terra natal, eram protegidos pelos párocos. Tinham igrejas organizadas, com coral, orquestra, local de encontro”. Mediante esses signos organizativos de união, os italianos se revelam portadores de simbologias dentro da corporeidade do significado maior que é a Igreja Católica, que se outorga a verdadeira representante de Deus na Terra, como Igreja Militante⁶.

Diante de incertezas políticas e sociais do Regime Monárquico Italiano (1861 a 1946)⁷, a vida dos camponeses continha muitos obstáculos, tais como uma alimentação pobre e à base de milho, crise e praga na uva e bicho-da-seda, o aumento da população que agravou a falta de produtividade dos terrenos montanhosos já de difícil manuseio. Se junta a esses fatores os altos impostos cobrados pelo governo central, a industrialização tardia que trouxe novos elementos e aboliu antigas tradições e impeliram os camponeses a buscarem outras formas de sobrevivência, talvez, devido às exaustivas jornadas de trabalho de 13 horas ou mais. Diante dessa realidade, o refúgio para a grande maioria foi a busca pelo consolo divino que se dava de muitas

³ Informações coletadas no Sebrae Nacional - Plano Integrado de Desenvolvimento de Turismo Sustentável: Nova Trento. Nova Trento, 2005. p. 11.

⁴ Torna-se complexo traduzir, da língua italiana para o português-brasileiro, certos conceitos geográficos, pelo que apresentam e representam. Será adotado neste TG o vocábulo *regione(i)* em vez de Estado(s), e *provincia(e)* como circunscrição administrativa constituída de um conjunto de pequenos centros menores, sendo o mais importante desses o *Capoluogo(ghi)* (capital); *paese(i)* será adotado como vilarejo ou aldeia.

⁵ Utopia: do grego *ου* = nenhum e *τοπος* = lugar. Segundo alguns teóricos da sociologia, as utopias estariam relacionadas “a uma insatisfação com uma determinada situação e o desejo de romper com o presente, com o fim de operar transformação na sociedade.” (Tradução própria). (MORSELLI, 1981. p. 211).

⁶ Segundo o Catecismo Católico do Vaticano I, os fiéis que estão na terra devem ainda lutar pela sua salvação eterna; formam a Igreja Militante. Os santos do céu já alcançaram a coroa da vitória; constituem a Igreja Triunfante. As santas almas do purgatório devem ainda sofrer as penas da purificação; constituem a Igreja Padecente. In: (**Catecismo Católico**. 1963. p.110-111). Já no Catecismo do Vaticano II, a definição de Igreja Militante, Triunfante e Padecente se encontra de forma implícita. In: (**Catecismo da Igreja Católica**. 2003. §. 1180, 1185, 1186, 2691).

⁷ A atual Itália que conhecemos, que faz parte do G8, não era assim compacta antes da sua unificação. Ao sul compunha-se o Reino das duas Sicílias, compreendendo Sicília e Nápoles, sob o domínio dos Bourbons. No centro, os Estados Pontifícios, governado pelo Papa, e ao norte, o Reino do Piemonte-Sardenha, governado pela casa Savoia e Parma sob o comando dos Bourbons do *Reino das duas Sicílias*. O Vêneto era domínio do Império Austro-húngaro; Módena e Toscana eram dirigidas por duques que defendiam os interesses austríacos. In: (CAPPELLI, 1988, p. 287).

formas, através da intensa presença do clero. A busca mais comum era a religiosidade como experiência pessoal, aberta para novos horizontes de maneira relativamente autônoma em relação à realidade social, através da qual o Papa Pio IX encontrou, nas devoções religiosas como o Sagrado Coração de Jesus e Mariana, um vasto campo para combater as ideias do liberalismo nascente na Itália e também em toda Europa, sendo um subterfúgio concreto para continuar a hegemonia do clero (LIBANIO, 2001).

Tanto a Cidade Eterna como muitas outras cidades que abrigavam Santuários estavam presentes no imaginário popular. Assim, Roma se transforma em lugar de criação teológica (MADRE MATILDE, 1986). Além disso, assume uma dimensão catequética, combatendo as formas políticas consideradas negativas, tais como o liberalismo e o progresso, que iam contra o poder constituído da Igreja Militante. Dessa forma, a busca pelo sagrado se reflete nos lugares já predeterminados pela ação sagrada e, concomitantemente, histórica, sendo Jesus Cristo visto como fonte de Água Viva, que restaura a vida e sacia a sede de cada um dentro da fraternidade e da solidariedade.

A busca pelo divino se dava não somente nas horas mais necessitadas, como na doença ou na seca, mas também quando ocorriam quaisquer fenômenos fora da compreensão dos camponeses, no seio da família ou no meio da comunidade. Estes fenômenos se refletiam no cotidiano, pois além de o dia a dia ser revelação do mistério divino, a doutrina católica era tida como transposição da ordem cósmica e das necessidades materiais e espirituais dos crentes. Tal doutrina, em geral, subvertia as relações de confiança dos camponeses. Essa subversão se dava mediante a ótica da devoção, principalmente com a imitação da vida dos santos, porque eles “ensinam que sofrendo, com resignação, as contrariedades, as perseguições, santifica-se a alma” (BERTELLI, 1995, p. 30). As confissões eram outra maneira de controle, já que por elas os padres sabiam o que ocorria ao seu redor e estavam prontos para condenar e advertir (in) diretamente do púlpito, através dos sermões, com base no que fora ouvido nos confessionários, constituindo-se tal prática em uma espécie de rede de informações.

O camponês, como indivíduo, projetava sua vida na Igreja e esperava que ela o conduzisse até o Paraíso. A recompensa, segundo sua concepção, viria através da prática da religião, como bem último. A Igreja aproveitou-se dessa dependência psicológica reforçando a fé religiosa, na qual o clero, de um modo geral, apoiava, resumindo no lema dos Jesuítas, *Ad maiorem Dei gloria* - para a maior glória de Deus. Este *moto* era utilizado embasando todos os documentos e falas da congregação jesuítica e, também, era usado em circunstâncias nas quais era necessária a intervenção da Instituição Católica.

A religiosidade camponesa é fruto da imagem reproduzida da “densidade dos problemas que atacam a condição rural” (FIORES, 1989, p. 1153), e mantida pelo sistema da não compreensão ou até mesmo a ingenuidade de se perceber a ação sacralizadora da Igreja, no sentido em que aquele que estivesse fora da sociedade perfeita, ou seja, desse invólucro institucional era condenado à excomunhão. Não estar em comunhão com o outro era estar fadado à danação eterna. Enfim, se alguém estivesse fora dessa promessa da religião cristã no seu dia a dia, seria condenado e, sendo subjugado, haveria repercussões nas relações afetivas e no ambiente natural onde se vivia. Daí a importância de seguir a doutrina e, através dela, ter um vínculo com o mundo sobrenatural.

As práticas religiosas dos camponeses advinham da instituição católica, que era responsável por eles e por isso se deixavam controlar pelos padres. A Igreja no período medieval e no início da idade moderna era tida como sociedade perfeita e que se contrapunha às ideias liberais.

Com as transformações políticas e sociais que estavam acontecendo na Itália e no mundo europeu na metade do século XIX, os camponeses, sem a segurança da bênção dos agentes sacralizadores, estariam fora da comunhão, da proteção divina, pois era através dos atos litúrgi-

cos, como a missa e os atos devocionais, que eles poderiam se considerar salvos como, também, seus bens materiais. Por isso, a necessidade de imitar a vida de Jesus Cristo e a dos Santos (Leão XII, 1959). Assim, o homem se tornaria coparticipante da criação e membro dependente dessa sociedade perfeita. Toda essa catequese estava presente nos sermões e na atividade missionária da prédica em (re) evangelizar os fiéis através da metodologia direta de ser observado: Deus nos vê, Ele escuta os corações em uma espécie de panóptico foucaultiniano (FOUCAULT, 1984).

Na referida forma de manipulação do sagrado⁸, a população era vista com importância pelo sistema econômico que estava se definindo, o liberalismo. A Igreja, com os seus códigos e representações, daria à população sustentação nas crenças tradicionais feitas e construídas nos vários Concílios realizados dentro do seio dela, visto que ela estaria mais próxima da vida camponesa e medieval⁹, de onde brotou, desenvolveu e permaneceu com seu tradicionalismo¹⁰ e, portanto, consequentemente ligada à manifestação do sagrado que se revela, ou seja, a hierofania.

Na nação emergente italiana, fragmentada e impregnada pela religião católica romana, a Igreja, com todo o seu aparato, e com a maneira de representar a sua totalidade e poder, fincada na tradição, por sua vez, era em si um conjunto de regras estabelecidas e absorvidas pelos aldeões, pela vida religiosa e litúrgica, e pelos anciãos ou reis que estavam no poder. A modernidade¹¹ substituiu as regras da política, da economia, da ideologia e, principalmente, as do âmbito da cultura e da estética, novas regras surgidas da rotina da vida na fábrica ou dos regulamentos da organização burocrática (LYON, 2005). Na ótica de Dominique Julia,

[...] os sociólogos do começo do século XX constatavam a decadência das crenças tradicionais frente ao desenvolvimento do pensamento científico, mas retornavam, ao mesmo tempo, de maneiras variadas, à velha ideia de Augusto Comte, segundo a qual as sociedades só podem manter estrutura e coerência por meio de crenças comuns que reúnam os membros da comunidade. (LE GOFF, 1995, p. 107-108).

Novos ares políticos na Itália

Em 1847, um ano após a eleição do Pontífice Pio IX, Giovanni Mastai Ferretti (1792-1878) se contrapôs ao Estado. Nesta contraposição a Igreja usou a ferramenta das crenças como forma de manter a sua hegemonia e como princípio para atuar, assim participar da vida política, e seu magistério para legitimar-se. Por meio dessas crenças manteve-se a herança que pesa so-

⁸ Por sagrado se entende a faculdade natural que o homem tem de idealizar, substituir o mundo da realidade por um mundo diferente para onde se transporta pelo pensamento. Apenas o homem tem a faculdade de conceber o ideal e de o acrescentar ao real. O que define o sagrado, e também o ideal, é o fato de ser acrescido ao real, ao profano. Essa dicotomia entre o sagrado/profano assegura a sólida ligação entre os homens e torna possível a ordem social. Cf.: (DURKHEIM, 2000, p. 19-21).

⁹ A Idade Média não existe. Foi criada *a posteriori*, pelo século XVI, que se via como responsável pela retomada da cultura greco-latina. O termo *medium aevum* foi empregado pela primeira vez por humanistas italianos para designar o período entre a Antiguidade Clássica e o Renascimento do séc. XVI. Tais humanistas afirmavam ser esse um período de *tenebrae*, marcado pela suspensão do progresso iniciado pelos gregos e romanos: estava criado o mito historiográfico da idade das trevas, um período intermediário, caracterizado pela barbárie, ignorância e superstição. Felizmente, a Nova História vem libertando a época medieval de todos os rótulos que a haviam deformado. Naturalmente, nesse estudo será utilizado o termo Idade Média não no seu sentido original, dado pelos Renascentistas, mas como um período com características próprias, que propiciou, entre outros elementos, o nascimento das línguas neolatinas e das literaturas, a criação das universidades e das instituições bancárias e o surgimento de cidades e de uma arte com características renovadoras. Ver: (FRANCO JUNIOR, 1996).

¹⁰ Por tradicionalismo entende-se, em geral, uma postura conservadora comprometida unilateralmente com a tradição, ou seja, com o passado. Ver: (ZILLES, 1989, p. 34).

¹¹ O termo modernidade tem uma história longa, vem do termo latino *modernus*, e já aparece no V século d.C., para distinguir o cristão oficial presente do romano pagão passado.

bre o seu domínio político, mantendo-se no ambiente como detentora e defensora de seus limites geográficos. O Estado Pontifício estava minado de corrupção e abandono, provocados pelas divisões internas da Igreja e também pelos meeiros, que tomavam as terras cuja posse outrora era da Igreja. Tal modo de agir refletiu e se fundamentou nos seus procedimentos, bem como no discurso contra a unificação política, administrativa e espacial da Itália, num espaço sociocultural impregnado de dúvidas e incertezas.

No início de 1861, a Câmara do Novo Parlamento Italiano, composta de 443 deputados, aprovou a lei de um só artigo: o rei Vitorio Emanuel II (1820-78), como soberano da Sardenha (1849-61) e da Itália, assumiu para si e para os seus descendentes o título de regente da Península (MONTI, 1998). Segundo Antonio Bracanti, no mesmo ano, a lei foi sancionada pelo soberano que acrescentou a fórmula: *re d'Italia per grazia di Dio e volontà della Nazione* - rei da Itália pela graça de Deus e vontade da Nação. O regente tomou para si o título de *Vitorio Emanuel II* ao invés de *Vitorio Emanuel I*, para sublinhar a continuidade da monarquia. A unidade da Itália não tinha sido finalizada ainda, faltavam Roma e Veneza. O Conde Camillo Benso Cavour (1810-1861), primeiro ministro do reino do Piemonte, representante dos grupos liberais e progressistas, em 1852, tornou-se o artífice da unidade italiana (ROMANO, 1998). Um debate provocado na Câmara, pelo mesmo ministro, em meados de 1861, concluiu-se com o voto da opinião pública, que aclamava Roma como capital nacional.

Além disso, houve um grave dissídio entre Cavour e Giuseppe Garibaldi (1807-1882) a propósito da organização das tropas voluntárias que zarpariam de Gênova-Quarto e desembarcariam na Sicília, com a *spedizione dei Mille* (MONTI, 1998). A denominação *dei Mille* dada à expedição ocorreu em razão de que mil homens vieram de todas as partes do norte da Itália, principalmente de Bergamo-Lombardia, para se juntar a Giuseppe Garibaldi. Esta expedição entraria no *Regno delle Due Sicilie* (Nápoles e Sicília) e iria em direção ao Estado Pontifício para conquistá-lo, dando-se a Questão Romana.

O ultimatum do Piemonte na questão romana

Unida com o Papa, a França, “filha mais velha” da Igreja Católica, veio em socorro do Estado Pontifício. Porém, mesmo com a participação francesa e de grupos dirigentes peninsulares, Roma foi tomada pelos revolucionários. Giovanni Visconti Venosta (1831-1906), ministro do exterior do jovem reino, reconheceu que a Questão Romana foi o vínculo que diminuiu a liberdade de ação para tornar dependente a política italiana da francesa (BRACANTI, 1985).

A Questão Romana foi colocada no dia seguinte à proclamação do Reino da Itália, no fim de outubro de 1860. Camillo Benso, conde de Cavour, declarou-se confiante de que “o exercício da liberdade esperada por todos e lealmente praticada produzirá uma grande manifestação no espírito, nos sentimentos, com respeito à sociedade civil” (CAVOUR, 1929, p. 54). Ele tentou influenciar o pontífice Pio IX (1792-1878) de modo a reconciliá-lo com a sociedade nascente e, em vista dessa coexistência, em Roma, o papado seria transformado, assumindo uma posição pacífica em relação ao poder político (JUNKES, 2000, p. 95).

Por outro lado, segundo Guido Zagheni (1999, p.128), “a Questão Romana está ligada não somente a uma questão jurisdicional e a um problema territorial, mas também a um problema religioso”. Em março de 1861, Cavour (1929, p. 54) repetia: “Roma, Roma deve somente ser capital da Itália”. Declarava, todavia, que Roma “ia de encontro com a França” e que “sem a união de Roma com o resto da Itália, esta poderia ser interpretada, por partidos católicos, da Itália e fora dela, como sinal de submissão à Igreja”.

Houve um embate entre as duas concepções do mundo político na Itália: de um lado o Ministro Cavour, que morreria em 6 de junho de 1861 e, do outro, o Papado com o seu repre-

sentante, Pio IX. Nessa dicotomia, encontrou-se a legitimação do chefe do Estado Pontifício, remanescente do poder temporal da Igreja Católica na Idade Média. O poder do Estado, então, foi constituído por direito pela família Savoia.

No impasse entre o papa Pio IX e a unificação italiana, nota-se que Cavour se legitima como libertador, de acordo com o pensamento dos liberais, no qual o indivíduo tem poder de escolha. Ao falar-se de indivíduo, fala-se de modernidade, de redes, de contatos. A Igreja como instituição durante o processo de unificação italiana, coloca-se no coletivo, ou seja, de volta às suas origens camponesas, fixando-se no tempo e na tradição. Como o novo era visto como não consagrado, abusivo e depreciativo, evidentemente ela fez-se prudente diante da modernidade e da industrialização. Esse momento se vê muito bem retratado na fala do jornal *Le Siècle*:

Colocamos como princípio que a indústria é essencialmente protestante: ora, vós o sabeis, todo protestante entrará no martírio do fogo. O catolicismo, do qual somos os mais ilustres representantes na terra, gosta apenas do trabalho agrícola, e isto pode ser compreendido: o camponês é ignorante, supersticioso, fácil de conduzir. Ele crê sem dificuldade em todos os nossos milagres. Ao passo que vossas cidades, vossas usinas, são locais de perdição. (LACREE, 2002, p. 35).

A investida prosseguia, através de ataques dos que queriam a unificação, isto é, os liberais, para dar cada vez mais visibilidade à força dos antiliberais, na figura do Papa, e, assim, satisfazer o leitor do jornal *Le Siècle* que iam a favor do Pontífice romano. O Ministro, depois de ter tentado inutilmente um acordo com o Papa, quando este na realidade parecia replicar politicamente as declarações daquele no parlamento, não chegou a uma conclusão definitiva sobre a inserção de Roma no novo reino. Em 18 de março de 1861, Cavour declarava aos cardeais que “já há muito tempo se pede ao Sumo Pontífice que se reconcilie e se ajuste com o progresso e com o liberalismo, como vem sendo chamada a ‘moderna civilização’” (VIVANTI, 1982, p. 101). Também um acordo semelhante com o socialismo emergente seria impossível, já que este era visto pela religião católica como pai e propagador fecundo de infinitos e intermináveis erros, como instrumentos do demônio.

O desencontro entre as aspirações italianas e a tenacidade da defesa papal do poder temporal não era realmente uma mera disputa territorial, mas assumia o caráter de uma batalha, uma luta entre duas concepções de mundo. Cavour, aceitando as principais ideias universais do liberalismo, objetiva conquistar também os ânimos de seus adversários. A Igreja fazia sua contraposição, mediante sua tradição e seu milenário magistério. Em sua defesa estava o poder temporal, não somente do Papa, mas também dos Bispos de todo o mundo. Reunidos em Roma, em junho de 1862, estes estabeleceram uma condição irrenunciável para a defesa da Igreja e, segundo Earle Cairns, uma “declaração de inefabilidade papal no Concílio Vaticano I, assinalando o ápice da obra de Pio IX” (CAIRNS, 1995, p. 336).

Já no modelo para a sociedade política, como podemos observar, a contraposição à civilização moderna, enunciada por Pio IX, é solenemente proclamada na encíclica *Quanta Cura* publicada em 1864, trazendo em anexo o *syllabus* (PIO IX, 1959). Este ia além dos problemas pontifícios relacionados ao poder temporal. Não era somente uma garantia para a independência do Papa, era também o modelo de um governo que, com suas particulares instituições e com a sua ação de combater a propagação de uma cultura condenada pela sua incredulidade e pelos infinitos erros, fazia-se inconciliável com a doutrina Católica.

Ainda podemos observar que a Igreja sabia oferecer a alternativa entre a Monarquia nascente e o Despotismo, nos quais as classes dirigentes da sociedade ficavam cada vez mais longe da fé e procuravam manter a ordem, observando e seguindo a desdivinização do quotidiana-

no e introduzindo, no meio social, as vantagens da industrialização, trazida da Inglaterra com a Revolução Industrial:

[...] tu, indústria, qualquer sejas; tu, arte associada ao homem, qualquer que seja o nome que te dão; tu, invenção de alguma necessidade; tu, processo revelado por certo cálculo e certo acaso; tu, método que elogiamos há ainda poucos dias; tu, produto que não devias ter rival; tu, enfim, conjunto geral dos recursos do homem, comparece diante do Juiz. O momento chegou. (LACREE, 2002, p. 30).

O Socialismo, o Comunismo e o clero-liberal, principalmente na França e na Itália, eram considerados sumariamente como pestilência, sendo reprovados em documentos pontificais como erros com “gravíssimas expressões” (CAIRNS, 1995, p. 15). Tais erros eram todos julgados, evidentemente, dentro do *syllabus* porque ele, por si só, regia o que a Igreja Católica queria. Por outro lado, esta mostrava a preocupação de atingir um por um aqueles que eram considerados os chefes da moderna civilização, e repelia a todos sem remissão.

O embate de posições e de ideais, que separou a Igreja da vida italiana, teve consequências graves também no plano político. O endurecimento das opiniões do Papa em relação ao liberalismo impossibilitou a negociação e, com maior razão, aumentou a oposição e o compromisso das partes.

De fato, parecia difícil a possibilidade de Roma chegar a ter as duas condições colocadas por Cavour: consentimento francês em deixar Roma e retornar para França ou aceitação por parte do Pio IX. A política italiana acabou por encontrar-se em um impasse: atacar Roma ou não (ROMANO, 1998).

Em tal sentido agiu Giuseppe Garibaldi, em agosto de 1862, quando se movimentou com algumas centenas de voluntários da Sicília em marcha contra Roma. A tentativa se voltou contra as forças regulares, sobre os montes da Calábria, onde o revolucionário dos dois mundos foi ferido e não poucos dos seus homens morreram no campo de batalha.

Seguiram-se, ao ocorrido, duríssimas polêmicas, não abrandadas nem pela anistia. A aventura garibaldina foi completada sem o consentimento do rei e do primeiro ministro, Urbano Rattazzi (1808-73; *Presidente del Consiglio*, 1862-1867). A partir desse acontecimento, é feito um acordo com a França, em 1864, para a retirada das suas tropas de Roma, fato conhecido como a Convenção de Setembro. Com o atraso da unificação italiana, surge, para o camponês, pela quase ausência do aparato governativo, a possibilidade da emigração, porque uma coisa eram as batalhas para a unificação nos grandes centros, outra era a realidade dos camponeses abandonados nos Alpes, Apeninos, planícies do Norte, Centro e Sul da Península.

A Itália está feita: agora é preciso fazer a sua população

O movimento migratório na Europa aconteceu em vários países. Em geral, pode-se afirmar, primeiramente, que os países que se demonstraram capazes de atuar em um relevante desenvolvimento industrial nos últimos anos do século XIX tiveram um forte aumento da população, com uma alta taxa de natalidade (LAZZAROTTO, 1971).

A emigração e a imigração foram fenômenos típicos da fase de passagem de uma estrutura essencialmente agrícola a outra, lenta e essencialmente industrial. Em segundo lugar, a migração se esgotou porque a industrialização chegou a um nível de determinação de forte absorção de mão de obra e diminuição da taxa de nascimentos.

Os países que sofreram um desenvolvimento industrial tardio e insuficiente tiveram um aumento dos nascimentos de filhos em razão do trabalho agrícola, visto que os pais viam na

procriação a possibilidade de aumentar a de mão de obra e os filhos eram uma saída legítima, aprovada pela Igreja Católica, que dizia que a prole era o sinal da benção de Deus sobre os homens. Tal fato se caracterizou em muitas famílias que, com isso, permaneciam fornecendo produtos humanos para a imigração. “Sadios, laboriosos e moralizados” (MADRE MATILDE, 1919, p. 2), estas eram as exigências feitas pelos agentes imigratórios e a Itália fez parte substancial deste contexto.

Para avaliar com clareza o caso italiano, deve-se antes de tudo lembrar que, no momento da Unificação, a Itália sofria um desequilíbrio populacional bastante intenso. Grosselli (1987, p.12) relata que “[...] os camponeses europeus emigraram porque a sociedade em que viviam tinha assumido características tais que não mais permitiam a sobrevivência de formas de vida e de valores que tinham sido deles durante séculos”, e os meios relativamente limitantes da sua economia ainda prevaleciam atrasados e rudimentares.

Além do desequilíbrio econômico, apresentava-se outras circunstâncias de caráter local, como a língua, observando-se que o italiano *standard*, oficial, ou, comumente, a língua de Dante Alighieri, não era muito praticado pela população, com poucas exceções. Mais utilizados eram os dialetos. Este contexto se agrava pela falta de estradas que ligassem os *Paese* às *Province* dava oportunidade à migração temporária de operários como carpinteiros, pedreiros, entre outros (ALVIM, 1986). Tais trabalhadores eram provenientes, sobretudo, das zonas alpinas e pré-alpinas, migrando em direção à França, Suíça e aos países da Europa Central.

A esta migração, essencialmente por trabalho de temporada, se acrescenta, nos trinta ou quarenta anos precedentes a 1861, uma limitada emigração permanente, podendo-se ver, com isso, que a Itália já conhecia o processo migratório dentro do seu contexto. Como afirma Zuleica Alvim (1986), a grande duração da imigração, que levou à formação dos núcleos relativamente consistentes de imigrantes italianos na França, na Tunísia, no Egito, na Argentina, no Brasil e no Uruguai, ocasionou a diminuição da população local, ou seja, no país de origem houve um esvaziamento populacional.

No rastro dessa velha corrente, a emigração se intensificou, sendo que em torno de 1870 a movimentação destes grupos de trabalhadores das zonas alpinas e pré-alpinas e dos mais desfavorecidos do *Mezzo giorno* peninsular, o sul da Itália. Ainda, depois de 1880, quando se acentuou o crescimento demográfico, este fato coincidiu com uma grave crise agrária. Movimentaram-se, então, migrantes de todas as *regioni*, mas sobretudo daquelas setentrionais. Vieram vênets, lombardos, do Trentino-Alto Ádige e do Friuli-Venezia Julia (FROSI; MIORANZA, 1993). Ao mesmo tempo, cresceu consideravelmente a migração transoceânica, a qual se tornou ainda maior no período entre 1870 e 1895, anos caracterizados por uma grave crise econômica geral. Simultaneamente, mas em medida menor, crescia a emigração temporária, em direção à França e depois em direção à Alemanha e a outros países europeus, para trabalhos edíficos, viários e ferroviários e também industriários.

O grave fenômeno econômico e social intensificou-se depois de 1895, e alcançou proporções gigantescas de expatriados, no período do final do século XIX e início do século XX, no Brasil e em outros países (FROSI; MIORANZA, 1993).

A base de tudo isso, como já se acenou anteriormente, decorreu de numerosas causas. Entre as principais, destaca-se o contínuo e forte aumento da população italiana, com uma densidade por quilômetro quadrado inferior somente àquela da Inglaterra, da Bélgica e da Holanda, países economicamente muito mais progressistas e ricos. Ressalta Roselys Isabel Correa dos Santos o “atraso da indústria italiana e do comércio, incapazes de absorver a excelência de mão de obra” (SANTOS, 1999, p. 40). Fulvio Finessi (2002, p. 29) destaca que “o aumento demográfico, seguido da falta de territórios férteis e das altas taxas de impostos foram motivos que se juntaram ao desejo de melhorar a condição de vida e conseguir a emancipação financeira”.

Além disso, havia as pestes que atacavam as produções agrícolas, aumentando consideravelmente a pobreza. Assim, a opção foi, em certas localidades, a migração como solução dos problemas naturais e políticos.

O início da Odisseia italiana fora das colunas de Hércules

Com o Decreto nº 6.663, de 17 de junho de 1874, entre o Governo Imperial e Joaquim Caetano Pinto, autorizava-se a odisseia dos imigrantes europeus para o Brasil, que se iniciou em grande escala por volta da década de 70, em direção ao Sul do Brasil, embora já fosse observado um pequeno fluxo de italianos e outros estrangeiros em *terrae Brasilis* anteriormente. Mas, antes de chegarem à sua nova Ítaca, onde “corre leite e mel”, os italianos precisavam sair do território de batalha que eram os portos europeus (NARDONI, 1960, p. 132).

No contexto italiano, Gênova era um dos portos mais procurados, por estar ali a sede da emigração, e, lá, a partida da terra natal era muitas vezes dilacerante. Pode-se conhecer, com Grosselli (1987, p. 229), um desses momentos: “Esta manhã, às 5 horas e meia vi uma multidão de gente vagueando pela cidade; uns cantavam, outros blasfemavam, outros arrastavam mulheres e crianças chorando, em suma, parecia o fim do mundo”.

Com a saída das suas terras, os imigrantes vendiam o que tinham ou deixavam tudo para trás e seguiam de trem até os portos que as companhias de imigração indicavam.

Os trentinos do Tirol Austríaco zarparam dos portos de Gênova, norte da Itália, enquanto outros partiam do porto francês de *Le Havre*, norte-ocidental da França. (SERPA, 2000). E assim foram os trentinos do *Mare Nostrum* em direção às colunas de Hércules, em busca de um mundo desconhecido e rico de fantasia, a terra prometida: *cuccagna*¹².

Os imigrantes navegavam pelo Oceano Atlântico numa viagem que, se tudo corresse bem, duraria em torno de 30, 40 dias ou até mais. Assim, os degredados filhos de Eva iam à busca da sua *Mérica*, com sua sina e sonhos, esperando aportar em berços esplêndidos, utopias estas construídas a partir das promessas dos agentes migratórios na Itália, como Pietro Tabacchia e o mais famoso dentre eles, Joaquim Caetano Pinto Junior. Segundo Giralda Seyferth (1990, p. 22), este último era “agente encarregado de recrutar emigrantes europeus, que tinha como finalidade colonizar o Sul do país e, em São Paulo, suprir as necessidades de mão de obra enfrentadas pelas grandes fazendas de café por ocasião da abolição da escravatura”.

Os agentes tinham “plenos poderes para alistar as famílias que quiseram emigrar e encaminhá-las para o Vale do Itajaí” (MARQUES, 1978, p. 45). A Colônia de Blumenau mantinha em Trento, Norte da Itália, o agente Joaquim Caetano Pinto, para a imigração trentina. Anos se passaram e se intensificou a imigração, como relata Santos (1999, p. 63): “se observam deslocamentos individuais de pessoas destas regiões, ou mesmo nada comparável com o que viria a acontecer a partir, principalmente, do referido ano de 1875”. Esta data é considerada a da grande leva de imigrantes por estas paragens e para tantos outros continentes.

Rumo à *Cuccagna*

“Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho de pipoca para sempre”.
(Ditado popular)

Do continente europeu vieram muitos imigrantes. Do Norte da Itália vieram vênnetos, lom-

¹² *Cuccagna* significa um lugar fabuloso onde se come, se bebe e se diverte à vontade, lugar de prazer e de riqueza, abundância de tudo; vida prazerosa e alegre; nas festas de interior, pau de sebo na qual se sobe para se apoderar de um prêmio colocado no topo do mesmo. Cf. **Dizionario Garzanti di Italiano**: con una grammatica essenziale in appendice. Bologna: Garzanti, 1994. p. 340. [Tradução própria].

bardos e trentinos, habitantes das regiões de onde afluíram os maiores contingentes de almas, que seguiam para o Sul e Sudeste do Brasil. Os do Sul da Itália foram para outros países e, em menor escala, para o solo brasileiro. A maneira como eles vieram foi um tanto desastrosa. A desorganização imperava nos portos brasileiros, sem uma estrutura adequada para recebê-los: “faltavam intérpretes para prestar as devidas informações sobre a disponibilidade de terras nas colônias de Santa Catarina, Paraná, Espírito Santo e Rio Grande do Sul, ou para indicar a disponibilidade de trabalho assalariado, nas fazendas de café, em São Paulo” (GROSSELLI, 1987, p. 432).

Segundo Baldin (1999), aqueles que desembarcavam no porto de Santos eram destinados ao estado de São Paulo, para trabalhos agrícolas, e os que desembarcavam no porto do Rio de Janeiro seguiam para os diversos pontos do Brasil. Assim, os emigrantes com destino à Colônia *Itajahy* Príncipe Dom Pedro aportavam no Rio de Janeiro e seguiam por mar até Desterro, a capital, hodierna Florianópolis, e daí para Itajaí, cidade portuária, porta de entrada para os vales de Itajaí-Mirim com o Itajaí-Açu e o Vale do Rio Tijucas.

A colonização europeia em Brusque fez parte do projeto de ocupação do Vale do Itajaí-Mirim e seus vales, e se intensificando em torno da segunda metade do século XIX. Para esse fim, o Governo Imperial incentivou a vinda de imigrantes de origem europeia, principalmente alemães, italianos e poloneses, vistos como trabalhadores ideais para promover o desenvolvimento da região.

A fundação de Brusque data de 04/08/1860, quando um grupo do Sul da Alemanha chegou a Vicente Só, antigo nome do município. Deu-se, então, início à Colônia *Itajahy* que, em 17/02/1890, ganhou oficialmente a denominação que tem hoje, em função do nome do seu diretor, Francisco Carlos de Araújo Brusque (CAMPOS, 1960).

Os trentinos partiram de Brusque, e se estabeleceram temporariamente no quilômetro 16, atual distrito de Claraíba. Os imigrantes que ficaram em Brusque instalaram-se em barracos de pau-a-pique no porto de Itajaí. Observa-se também, nos escritos de Madre Matilde, CIIC¹³, que “quando nossos pais chegaram da Europa ficaram três meses em Brusque, fazendo estradas nestas terras desertas, onde os animais silvestres tinham livre domicílio” (MADRE MATILDE, 1919, p. 21).

Enquanto isso, para o grupo trentino, foram assinaladas terras para colonizar em Alferes, antigo nome de Nova Trento, no Vale de Tijucas, que foram imediatamente povoadas e nomeadas com a ressignificação dos nomes das terras deixadas: Vígolo, Bezenello, Valsugana e tantos outros. Quando os imigrantes trentinos tomaram posse de suas terras, já existiam presentes no local assentamentos indígenas, uma madeireira norte-americana, instalada ali entre 1833 e 1838, e ocupantes de outras nacionalidades (GROSSELLI, 1987).

A vida dos imigrantes era árdua e laboriosa, mas na colônia de Nova Trento houve uma perspectiva de funcionalidade superior a de Brusque. Havia “a viabilidade do rio do Braço¹⁴, em cujas margens se desenvolveu o centro urbano de Nova Trento, afluente do rio Tijucas” (GROSSELLI, 1987, p. 485).

A navegabilidade do rio do Braço fez com que esta se destacasse das outras colônias. Foi também, no entanto, razão do seu enfraquecimento econômico, devido ao assoreamento do rio e às secas, e por causa das autoridades que não viam com bons olhos a abertura de estradas entre os dois centros vizinhos, de Nova Trento a Tijucas. Toda a dificuldade vivenciada não estava no contrato firmado com Caetano Pinto, que prometia terras para cada família e subvenção do governo para abertura de estradas e espaços para casas e lavouras nas colônias. As complexidades relacionadas à nova terra, aos costumes, à língua, ao clima subtropical e a todos os obstáculos na instalação da co-

¹³ A sigla CIIC significa: Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição.

¹⁴ Rio do Braço banha Nova Trento e sua extensão são de 115 quilômetros, nasce no município de Leoberto Leal, passa por Nova Trento, São João Batista e desemboca em Tijucas.

lônia e adaptação dos colonos¹⁵ eram imensas. Ao se transferirem da sua pátria, os imigrantes procuraram se agregar pela religião, passando a ser caracterizados pela forte religiosidade. O significado da religião, para eles, era o de uma âncora em meio a um mar de turbulência diante do desconhecido e o de apoio para a transposição/transformação de uma nova vida num outro país.

Os rizomas dos jesuítas em Nova Trento

Nova Trento dependia administrativamente da Colônia *Itajahy* até 1881. Quanto à questão religiosa, pertencia à paróquia de São Luiz Gonzaga, em Brusque, que por sua vez, estava subordinada à arquidiocese de Curitiba¹⁶. Segundo o texto manuscrito de Madre Matilde, os padres eram responsáveis pelas almas dos neotrentinos, sendo apenas um deles alemão: “[...] Padre Alberto Gattone foi que disse a primeira missa na recente colônia, na localidade Aliança, a 12 quilômetros de Nova Trento [...]” (MADRE PAULINA, 1986, p. 54). Madre Matilde (1919, p. 22) afirma ainda que:

Sucedeu-lhe o padre Arcângelo Ganarini, tirolês da Diocese de Trento [...]. Porém, ficou pouco tempo [...]. Em 1879 chegou do Colégio São Luís de Itu, enviado pelo Reverendo padre Vicente Cogumelli, Superior da Missão dos padres da Companhia de Jesus da Província Romana, o padre Augusto Servanzi, com ordem de abrir uma residência [convento] em Nova Trento.

Os religiosos da Companhia de Jesus, presente no Vale do Rio Tijucas, eram de nacionalidade italiana pertencentes juridicamente à “Província romana, em Nova Trento, que foi administrada até 1913 [...] depois passou a ser atendida por representantes da missão alemã. Então, o Município foi elevado à dignidade de Província, em 1927” (LUTTERBERCK, 1977, p. 80) situação que perdura até os dias atuais. Isso ocorreu “em razão do fechamento da casa em Florianópolis e os jesuítas foram transferidos, em janeiro de 1879, para a vila que surgia, na foz do ribeirão dos Alferes” (MARCHIORI, 1989, p. 5).

Desde 1879, ano de entrada dos Jesuítas em Nova Trento, o retiro de Santo Inácio era realizado, todos os anos, por homens e mulheres, moços e moças. Observa-se que a religião era perpetuada pelos Exercícios Espirituais, seguindo o método de Santo Inácio de Loyola, pregado aos neotrentinos. Esses exercícios serviam de controle político, econômico e social.

Nova Trento, como “município se deu a sua elevação em 1892, em 1875 foi criado como distrito colonial, e em 1885 com a Lei nº 1.074 criaria a freguesia e o distrito de paz que foi um passo” (PIAZZA, 1950, p. 23) para a sua elevação. Quando da sua criação, o município era conhecido como um convento municipalizado pela existência de três congregações religiosas; uma feminina: a Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição (CIIC)¹⁷, e duas

¹⁵ Ao chegarem ao Brasil, os imigrantes foram chamados de colonos pelo Governo Imperial. O termo designa aquele que cultivava a terra. Ver: (BOSI, 2000, p. 11).

¹⁶ O Papa Leão XIII, com a Bula *Ad universas Orbis Ecclesiae*, em 27 de abril de 1892, criou o Bispado do Paraná e Santa Catarina, com sede em Curitiba, sufragânea da Sé Metropolitana do Rio de Janeiro, com o território do Paraná desmembrado do Bispado de São Paulo e o de Santa Catarina, do Bispado do Rio de Janeiro. O 1º Bispo de Curitiba foi Dom José de Camargo Barros. E a 19 de março de 1908, pela Bula *Quum Sanctissimus Dominus Noster*, do Papa Pio X, era criada a Diocese de Florianópolis, desmembrada da de Curitiba. O 1º Bispo de Santa Catarina foi Dom João Becker. Ver: (A **Arquidiocese de Curitiba** (sic): **na sua** (sic) **história**, 1956, p. 20).

¹⁷ A CIIC foi fundada por Amábilis Lúcia Visintainer (Santa Paulina do Coração Agonizante de Jesus) e Virgínia Rosa Nicolodi (Madre Matilde da Imaculada Conceição) em 12 de julho de 1890, aceita pela Igreja, através do Bispo Dom José de Camargo Barros, em 18 de dezembro de 1895, e reconhecida definitivamente pelo papa Pio XII, em 27 de outubro de 1947.

masculinas: os Irmãos da Congregação do Santíssimo Coração de Jesus, CSCJ¹⁸, que eram conhecidos como Robertinos, e os próprios padres jesuítas, assinando como S.J.¹⁹, que atendiam espiritualmente os dois Institutos e todos os municípios católicos, como também os da região circunvizinha. Por isso a alcunha de Convento Municipalizado, já que outros municípios eram desprovidos espiritualmente do clero, e assistidos pelos “padres leigos” ou “padres da capela”, como eram chamados no Rio Grande do Sul. Em Santa Catarina, eram conhecidos como “Capelão”, “Sacristão” ou “Ministro”. Estes eram os colonos que sabiam ler ou que tinham certo carisma para tal função (GROSSELLI, 1987).

Em vários pontos de Nova Trento se observam construções de edifícios religiosos que, “em brevíssimo tempo, os Jesuítas fizeram surgir no município como igrejas, capelas, oratórios, dois institutos religiosos” (DALL’ALBA, 1983, p. 94) e santuários²⁰ que, sob a ótica eclesiástica, não eram reconhecidos como tal pelo Ordinário local, e sim pelo povo, por devoção. Eram dois: o de Nossa Senhora do Bom Socorro, no Morro da Onça, que logo em seguida foi denominado Morro da Cruz, por ter sido posta uma cruz pela comemoração da virada do século XIX para o século XX; e o Santuário de Nossa Senhora de Lourdes, em Vígolo. Ambos os Santuários foram eleitos pela devoção popular, primeiramente, e depois pelo Ordinário local, ou seja, pelo Bispo.

O Santuário de Nossa Senhora do Bom Socorro, no Morro da Cruz, conhecido popularmente como o ‘da Santa’, tem as suas festas nos dias três de maio e quinze de agosto. A sua construção se deu mediante o desejo do Pe. Alfredo Russel, S.J, que, a 24 de março de 1901, ao benzer a Cruz do Século, plantada no cimo do Morro da Onça, pronunciara uma oração na qual lembrou o ‘Santuário de Nossa Senhora do Bom Socorro de Ruem na França e das grandes graças que aí dispensava a Santa Virgem aos seus devotos’. (PIAZZA, 1950, p. 84).

Relata Piazza que “os colonos se coligaram e por 300\$000 rs. adquiriram do Governo as terras (236, 485m²) onde se ergueu, primeiramente, modesta capela e, hoje, se ergue o imponente santuário” (PIAZZA, 1950, p. 84). Ênio de Oliveira Matos ressalta que “em 1905, Dom Duarte Leopoldo e Silva, então Bispo Diocesano de Curitiba, sob cuja jurisdição estava todo o estado de Santa Catarina, oficializou-o como ponto de peregrinações” (MATOS, 1996, p. 144²¹). O santuário foi, no entanto, elevado a tal categoria somente em 1988, em ocasião do Ano Mariano, no dia 15 de junho, por Dom Afonso Niehues, arcebispo de Florianópolis (1967-1991), que oficializara e decretara a criação e previu que o Pároco de São Virgílio, de Nova Trento, exerceria também as funções de Reitor do Santuário.

Já o santuário de Vígolo, que vigolanos e jesuítas denominaram de Nossa Senhora de Lourdes, deu-se primeiramente como Capelinha, dedicada a São Jorge, celebrando-se a sua

¹⁸ A CSCJ foi fundada em 1900 por Roberto Facchini e seis companheiros, conhecidos como Robertinos. Eles tiveram apoio espiritual do Pe. Luis Rossi, SJ. A sua supressão foi feita em 1904 pelo Bispo Dom José de Camargo Barros. Como carisma: Contemplação e Mendicância. (PIAZZA, 1987, p. 452).

¹⁹ S.J, em latim, *Societas Jesu*. Em português, Irmãos e Sacerdotes da Companhia de Jesus ou, como conhecidos popularmente, Jesuítas.

²⁰ O Direito Canônico conceitua Santuário como: Cân. 1330 - a igreja ou outro lugar sagrado, aonde os fiéis, em grande número, por algum motivo especial de piedade, fazem peregrinações com a aprovação do Ordinário local, o Bispo. Ou, ainda, lugar sagrado ou manifestação do sagrado, onde mora a presença de Deus. De acordo com a Bíblia, o Santuário era o lugar santíssimo (Lv. 16,16), quer dizer, a parte mais interna e reservada ao tabernáculo no templo de Jerusalém, embora a palavra se aplicasse também, em sentido genérico, a todo o edifício. Em sentido figurado, chama-se santuário o povo de Deus (Sl. 114, 2), porque Deus mora nele. Por outro lado, também Deus é santuário do seu povo (Is. 8, 14).

²¹ Ver: PIVA (1999).

feira em 23 de abril²², no vale do Alto Alferes, a seis quilômetros da Sede; mais tarde, o lote foi denominado Vígolo. Assim, explica-se tal origem toponímica da Capelinha: como o santo patrono na terra natal dos moradores de *Vígolo Vattaro* na Itália era São Jorge, também aqui os imigrantes colocaram o nome em homenagem a ele.

Pode-se observar que a construção da Capelinha evoluiu com mutirões²³, entre os anos de 1876 e 1879. “A primeira missão pregada pelo padre Servanzi, S.J, foi no Vale de Vígolo, na Capelinha de São Jorge [...] e no fim da missão benzeu com grande solenidade a mesma [...]” (MADRE MATILDE, 1919, p. 22). A Madre afirma ainda que “o povo (os vigolanos) trabalhou alguns anos na construção da Igreja”. A dedicação do santuário a Nossa Senhora de Lourdes deve-se ao sentimento devocional dos jesuítas, por Nossa Senhora ter aparecido a Bernadette de Soubirous, em Lourdes, na França, que faz parte da definição dos dogmas da Imaculada Conceição, desde 1854. E a bênção se deu em 11 de fevereiro de 1895. Segundo o relato do Diário da Residência,

[...] bem cedo, muita gente foi à festa da Virgem de Lourdes. [...] Benzeu-se o novo Santuário, levou-se em procissão a Estátua da Imaculada. [...] Entrado na Igreja, o Pe. Rochi disse algumas palavras ao colocar a estátua no nicho da Gruta. Todo o povo replicou três vezes ‘*Evviva Maria*’. Depois, no Evangelho, pregou o Pe. Manardi. Depois da Missa, seguiu-se a bênção do Ssmo Sacramento. (MADRE PAULINA, 1986, p. 70-71).

Para os vigolanos, a devoção à Maria já vem desde a sua terra natal, no âmbito mediterrâneo, e está ligada a um sentimento materno, à imagem do feminino, de proteção, porque “*la mamma è sempre la mamma*”, simbolizada pela figura arquetípica da Virgem como forma de expressão. Ela é aquela que perdoa, provê tudo e está próxima dos filhos. A mãe de Jesus Cristo, sob o título de Nossa Senhora de Lourdes, vem ao encontro de seus filhos degredados numa atitude de mansidão. Como apareceu a Bernadette de Soubirous²⁴, uma jovem necessitada como eles, os peregrinos acalentavam através dela a nostalgia dos parentes distantes, buscando superar as dores e as provações na nova terra, e conquistar as graças que tanto almejavam para os seus pedidos. Enfim, o mito da Grande Mãe. Assim, percebe-se aqui não uma providência e fé que acolhe, mas uma conveniência como a da futura teologia da prosperidade²⁵, ou seja, *Do ut des*, em que se dá para receber do sobrenatural alguma coisa em troca.

Com a permanência dos jesuítas em Nova Trento, observa-se fortemente que, no cotidiano das famílias dos imigrantes, a religião se faz mediante uma rede de solidariedade²⁶ em que os colonos

²² São Jorge não vem sendo mais comemorado pela Igreja Católica por ser incerta a sua origem. Ver: (BOITEUX, 1929, p. 42). Porém a imagem do santo continua no Santuário, sendo venerada.

²³ Darcy Ribeiro define o “mutirão” como “uma instituição solidária que permite dar e obter a colaboração de outros núcleos nos empreendimentos que exigem maior concentração de esforços. O mutirão institucionaliza o auxílio mútuo e a ação conjugada pela reunião dos moradores de toda uma vizinhança para execução de tarefas mais pesadas [...] é uma forma de associação para o trabalho, mas também uma oportunidade de lazer festivo”. (RIBEIRO, 1995, p. 381).

²⁴ Bernadette Soubirous (1844 - 1879). Conhecida pelas aparições de Nossa Senhora de Lourdes, em 11 de fevereiro de 1858 foi seguida por mais 17 aparições.

²⁵ A Teologia da Prosperidade, de origem norte-americana, além desse nome, é rotulada por seus críticos de *Health and Wealth Gospel*, *Faith movement*, *Faith Prosperity Doctrines*, *Positive Confession*, entre outros. Reunindo crenças sobre cura, prosperidade e poder da fé, essa doutrina surgiu na década de 40. Mas só se constituiu como movimento doutrinário no decorrer dos anos 70, quando encontrou guarida nos grupos evangélicos carismáticos dos EUA, pelos quais adquiriu visibilidade e se difundiu para outras correntes cristãs.

²⁶ O dicionário Houaiss conceitua solidariedade (S) como “caráter, condição ou estado de solidário. 1) JUR. compromisso pelo qual as pessoas se obrigam umas às outras e cada uma delas a todas. 2) Laço ou ligação mútua entre duas ou muitas coisas ou pessoas, dependentes umas das outras (a S entre o vento e o moinho) (a S entre a corda e os montanhistas). 9) SOC estado ou condição grupal que resulta da comunhão de atitudes, sentimentos, de maneira que o grupo venha a construir uma unidade sólida, capaz de oferecer resistência às forças externas e, até mesmo, de se tornar firme ainda em fase da oposição procedente de fora”. (HOUAISS, 2004, p. 2602).

se doavam em formas de compadrio, ou seja, em ajuda a compadre necessitado que, futuramente, o ajudaria quando por sua vez precisasse. Essa era uma prática antiga, sendo que cada vez que participavam de mutirões, sentiam a alegria de estarem juntos, entrelaçados pelos laços de amizade.

Vale lembrar que as palavras não surgem ao acaso e guardam em si não apenas a origem etimológica, mas também resquícios do tempo no qual surgiram. Nesse sentido, a palavra religião, do latim *re-ligare*, significa unir o céu e a terra, o espiritual e o material. No contexto da imigração italiana para o Brasil, no final do século XIX, a religião era o ponto de ligação entre a Itália, mundo antigo, berço da sua cultura e a nova Pátria, símbolo de um futuro promissor. As práticas religiosas também serviam como elo de comunicação com o sobrenatural, dando força aos colonos, principalmente nos momentos iniciais na nova terra. Nesta, o sofrimento humano se assemelha ao de Cristo, na medida em que a própria vida era oferecida a um lugar desconhecido, sempre na esperança de *fare l'America*.

A Igreja, como instituição, era o ponto que culminava não somente no sobrenatural, mas no político, porque os padres eram conhecidos como os intelectuais orgânicos na concepção gramsciana, que controlavam a sociedade civil (PORTELLI, 1984). A organicidade se dava de maneira prática, como na interpretação da moral e da fé e no modo como esta última poderia ser realizada, e numa visibilidade pela qual a Igreja buscava restaurar o seu domínio junto ao espaço público, devido à marginalização sofrida pela sua separação do Estado (ANTONIAZZI, 1994). Por isso que o sacerdote vinha de manhã, para a missa, e ficava até de tarde. Têm-se relatos de que os padres, antes ou depois da missa, além das confissões, acudiam os fiéis nas mais variadas ocupações. Como escreve Pe. Ganarini:

Além da velha ponte que une as duas margens do Ribeirão Alferes, mais para baixo, vi uma outra que dá passagem a quem vai para a outra margem do Rio do Braço, sobre o qual existe uma terceira ponte com correntes de ferro, para pedestres. Essas duas últimas pontes devem-se à iniciativa dos RR. PP Jesuítas que se puseram à testa do povo o qual com prestação de serviços e contribuições em dinheiro ou de conduzir a bom fim estas duas obras de utilidade pública. (GANARINI apud PIAZZA, 1950, p. 142).

Nesse contexto, os jesuítas fazem parte da romanização, também conhecida como ultramontanismo, como destaca Alves (1988, p. 28) ao afirmar que “os Padres eram construtores, empreendedores socializados na tradição seminarística e religiosa trentina (ou romanizada). Assim, não era incomum entre os padres de mentalidade romanizada a construção de igrejas, de pontes, de escolas paroquiais, de enfermarias, de asilos, de hospitais, e outros”. Nesta perspectiva, “a igreja devia ser compreendida como uma sociedade hierarquizada e autônoma, sob a chefia direta do Pontífice Romano” (AZZI, 1991, p. 226).

Dentro do processo de romanização, o jesuitismo triunfa e foi fato marcante no município de Nova Trento. Tanto que o município era conhecido pelos administradores, em Desterro, como Convento Municipalizado, pela força administrativa dos religiosos, apesar de existirem três entidades: Apostolado da oração, Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição e Banda Musical Padre Sabbatini que formavam a Sociedade Filarmônica Neotrentina. Eles deram continuidade à sustentação da submissão campesina a uma realidade social e política que os imigrantes estavam acostumados a receber na sua terra natal. Esta relação bilateral convinha a ambos os lados; aos imigrantes numa subordinação, já que eram de “índole bondosa e religiosa”, e aos jesuítas, pela condição de mantenedores da ordem e dos bons costumes. (DALL'ALBA, 1983). Esta índole bondosa e religiosa dos imigrantes dava-se não por serem naturalmente cordiais, mas sim por se tratar de uma troca de favores, e por terem vindo dos países europeus que passaram pela Reforma e Contrarreforma, tendo um catolicismo ligado à figura do padre, à

capela e à escola paroquial. “A vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do povo que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência” (HOLANDA, 2005, p. 147).

Essa “proteção” vem também manifestada na Banda Musical Padre Sabbatini²⁷, através da religião católica, com os seus símbolos e seus organizadores, que eram os padres jesuítas e as Irmãs da Imaculada Conceição, como meio de se renovar e de ir ao encontro do processo de aculturação²⁸, embora com pequeníssimas variantes por parte dos imigrantes, e suas repercussões na identidade e na alteridade estabelecida na comunidade.

São com os elementos religiosos e sociais dessas transposições de cultura que eles vivificaram e transpuseram para cá o seu modo de viver. Pode-se dizer que “[...] os habitantes assemelham-se ao quarteirão ou a casa [...] há uma estreita relação entre os hábitos, o espírito de um grupo e o aspecto dos lugares onde ele vive” (HALBWACHS, 1990, p. 69).

Observa-se, assim, a importância da figura dos jesuítas, que percorriam os vales catarienses e que, desde o final do século XIX, fixaram-se em Nova Trento, onde encontravam grande receptividade por parte dos trentinos, lombardos, bergamascos e de outras nacionalidades. Por onde eles passavam, qualquer palavra de conforto era bem-vinda. Contudo, a religiosidade popular da época expressava-se ainda pela devoção à *Madonna*, ao Rosário, aos santos devotos, procissões e *Via Crucis*. Esta forma simplificada de religiosidade, de desprendimento e abandono dos imigrantes dava sempre margem a “estratégias de poder como: o poder disciplinar, o bio-poder” e a governabilidade da Igreja (FOUCAULT, 1998, p. 104).

As inúmeras viagens que os jesuítas fizeram, em suas andanças por Nova Trento e arredores, uma vez que eles eram os olhos do Papa onde ele não podia estar, tinham o intuito de dar governabilidade e estratégias de poder à Igreja Católica Apostólica Romana dentro do processo de romanização. Eles se fizeram detentores das vidas dos neotrentinos. Quando os padres faziam alguma espécie de visita às comunidades e, por consequência, às famílias, dizia: “por que esse não pode ir pro seminário? Já indicando!” (MARQUES, 2000, p. 20). Existe também um ditado popular em Nova Trento, segundo o qual se repetia “quando nasce um filho, se joga na parede, se colar é pedreiro, se cair no chão é padre. Então saiu daqui também muito padre e muita freira” (ORSI, 2014). Com esses elementos se observa a religiosidade e o domínio da Igreja através dos jesuítas, como fala Dall’Alba (1983), criticando-os como aproveitadores da índole bondosa e religiosa dos imigrantes e apontando-os como a causa da esterilidade de Nova Trento.

Com efeito, e segundo essa perspectiva, Gilberto Freire (2001, p. 96) nos informa:

Em oposição aos interesses da sociedade colonial, queriam os padres fundar no Brasil uma santa república de ‘índios domesticados para Jesus’ como os do Paraguai; seráficos caboclos que só obedecessem aos ministros do senhor e só trabalhassem nas suas hortas e roçados. Nenhuma individualidade nem autonomia pessoal ou de família. Fora o cacique, todos vestidos de camisola de menino de dormir como num orfanato ou num internato. O traje dos homens igualzinho ao das mulheres e das crianças.

Dentro do enraizamento religioso dos neotrentinos, engendrado paradoxalmente no imaginário dos jesuítas, no período do início da colonização, quando eles ditavam a moral sob a égide da Igreja, é cultivada Amabile.

Com a beatificação de Madre Paulina, em 1991, pelo Papa João Paulo II (1978 a 2005), o município, que era predominantemente agrícola, sem representatividade na indústria, experi-

²⁷ A Banda Musical fundada pelo padre Angelo Sabbatini, S.J, em 1890. Ver: (CADORIN, 1992, p. 68-72).

²⁸ A aculturação é o processo de interação entre duas ou mais culturas mediante o qual se dá uma transposição de símbolos, significados, produzindo uma perda de elementos das culturas de origem e gerando uma outra sincrética. Ver: (MOSCONI, 1996, p. 20-22).

menta um desenvolvimento. As madeiras; a viticultura; a sericicultura; os cereais; os feculentos; a cana-de-açúcar; o café; o fumo; as plantas oleaginosas, como, por exemplo, amendoim e mamona; as plantas medicinais; as frutas e verduras; o gado e a indústria de transformação constituíam-se as principais fontes econômicas. A indústria de transformação, ligada à natureza, ofereceu aos neotrentinos os alicerces econômicos (PIAZZA, 1977).

Quanto à indústria têxtil, era fundamentalmente caseira. O bicho-da-seda, trazido com os imigrantes em 1875, estimulou a fiação de seda e a plantação de algodão. A primeira atividade foi premiada e reconhecida tanto nacionalmente quanto no exterior, entrando em colapso com as mortes dos bichos-da-seda e por não ter recebido auxílio governamental ou privado. Tendo falido esse empreendimento, mais uma vez Nova Trento mergulhou num período de obscurantismo. O único farol a brilhar nessa escuridão foi a fiação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, mas esta também sucumbiu na névoa densa do abandono, em 1945.

A indústria de algodão Renaux, em Brusque, absorvia a mão de obra da região. No entanto, como relata Maria Luiza Renaux Hering (1987, p. 81), “em Santa Catarina, onde ainda não se inaugurara nenhuma tradição econômica de destaque maior, o quadro em que deveria nascer e se impor a indústria era bem diferente”. No ambiente neotrentino, a economia seguiu, todavia, outros rumos: o da uva e do vinho, do plantio de fumo, da construção civil e o do comércio, montando a identidade da cidade.

Nova Trento se define com uma tradição agrícola e se firma na construção civil, sem um modo aparente para dar corporeidade à conquista da *cuccagna* para os seus descendentes. As autoridades civis, religiosas e os comerciantes não sentiram de imediato, em Madre Paulina, um filão para promover o desenvolvimento econômico da cidade. Evidentemente, com o aumento de fluxo de pessoas na cidade, viram na religiosa um elemento agregador das necessidades materiais e espirituais dos que para lá corriam para pedir ajuda, graça, proteção e saúde. Com isso, tanto as Irmãzinhas como os empresários locais e, também, os poderes municipal e estadual, perceberam algo novo e fundamental para desabrochar a singularidade do município, por terem a prerrogativa da primeira santa brasileira, mas também a primeira nascida no trentino. São *Vigilio*, o santo padroeiro de *Trento*, que viveu no século XVI, é natural da Capadócia (Turquia).

Com o fluxo crescente de peregrinos²⁹ e de turistas³⁰ à cidade, é forçoso abrir espaço para eles e suas representações. A Igreja local, sob a direção do então Arcebispo Metropolitano de Florianópolis, Dom Eusébio Oscar Scheid, SCJ³¹ (1991-2001), decreta a Capelinha Nossa Senhora de Lourdes a Reitoria ou Capelania Especial em 19 de março 1997, com o Registro nº 046/97 L. Prot. nº 16.

Com a canonização de Santa Paulina, em 19 de maio de 2002, em cerimônia presidida pelo Papa João Paulo II, no Vaticano, a região do Vale de Tijucas, no município de Nova Trento, adquiriu maior importância no cenário nacional, o que proporcionou um aumento no fluxo de peregrinos e turistas que procuram o Estado de Santa Catarina. O Ordinário local, Dom Eusébio Oscar Scheid, SCJ, que outorgara a Reitoria ou Capela Especial de Nossa Senhora de Lourdes,

²⁹ Peregrinação vem do termo *peregrinus*, “uma substantivação do advérbio *peregre* (de *per* e *ager*). Etimologicamente, indica aquele que se encontra *per agros*, isto é, pelos campos, fora do lugar de residência. Posteriormente, o termo *peregrinus* também foi usado para indicar ‘aquele que saía de sua casa ou de sua pátria’ por um motivo qualquer. Durante os primeiros séculos do cristianismo, *peregrinus* se referia ao estrangeiro, em oposição ao *civis*, cidadão que tem o direito à cidade”.

³⁰ A palavra turista é recente e é associada ao viajante. Inicialmente era grafada como *tour-ist*, no início do século XIX, e o primeiro registro da palavra *sigh-seeing* é de 1847, já acompanhando o agente turista, definido como aquele que “*expects everything to be done to him and for him*” (“espera que todas as providências da viagem sejam tomadas por outrem com vistas ao seu bem-estar”). (BANDUCCI JR.; BARRETTO, 2003, p. 54).

³¹ SCJ, em latim, *Sacerdotum Cordis Jesu*. Em português, Sacerdotes do Coração de Jesus. Explicação completa: Congregação dos Padres do Sagrado Coração.

em Vígolo, em 1997, a decreta Santuário Madre Paulina, com o Reg. Nº 152/98 L. Prot. nº 17.

Por sua vez, o Estado promulga a declaração de Estância Turístico-Religiosa, reconhecida pela Lei Estadual nº 10.568, de 07 de novembro de 1997. Com tal declaração, a intervenção do Estado no órgão que o representa é Santa Catarina Turismo – SANTUR. Foram feitas seis reuniões, com o título: Comissão Governamental de Acompanhamento e Implantação do Plano de Turismo Religioso – Projeto Madre Paulina.

Observa-se o fato de que a religião e o poder governamental se unem e agem concomitantemente. Ao darem-se as mãos, eles possibilitam a teatralização das romarias³² para que se possa usar a cidade “inventada para a acumulação capitalista, não mais a cidade do século XIX que esquadrihava seus habitantes e os constituía em sujeitos produtores de mercadorias. A cidade é ela própria mercadoria à venda” (FLORES, 1997, p. 11).

A mercantilização da cidade se dá pelo viés da imagem de Santa Paulina, pela questão ambiental, com seus múltiplos recursos, e por outra característica original: a culinária italiana. Esse empreendimento é também incentivado por diversos segmentos gastronômicos que, com isso, apropriam-se da cidade de Nova Trento. Os dotes culinários italianos, como a comida “típica”, e a cultura italiana vêm como valor agregador aos atrativos da região.

É, ainda, e principalmente, “considerada capital do turismo religioso³³; nos últimos anos, a segunda Estância Turístico-Religiosa do País, perdendo apenas para a cidade de Aparecida do Norte” (XU, 1999, p. 3), no interior de São Paulo, com a primeira Estância Religiosa do Brasil, o Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, considerado uma ‘Meca’ para as peregrinações do catolicismo sul-americano (OLIVEIRA, 2001). A sua localização próxima à rodovia Presidente Dutra, que liga as grandes metrópoles do país, é estratégica, além do fato de ser um Santuário urbano, enquanto o de Santa Paulina é localizado em uma paisagem rural. Seja como for, não é nosso objetivo traçar um paralelo entre os dois Santuários.

Hoje, a religião está contida numa troca de crenças imediatistas, em que o fiel é tratado como consumidor e disputado por diversas igrejas, irmãs separadas, que lidam com estratégias de *marketing*³⁴ para angariar novos seguidores.

Através da procura pelas diversas religiões ou empresas religiosas, como alternativas de fé para resolver seus problemas do dia a dia, os fiéis atendem ao apelo do sacrifício, da promessa e do cumprimento de dívidas com o Ser Supremo, que os leva a vários deslocamentos, como missas a céu aberto, no estilo de megaespectáculos de *rock*, romarias e procissões, acompanhados de grandes esforços físicos para a contemplação da mística e visitas a lugares sagrados, como forma de agradecer e manifestar a Deus o desejo esperado.

Assim, através da dinâmica dos fatos ocorridos durante o século XIX, que tiveram como protagonistas a Igreja e os Estados liberais observam-se a complexidade dos problemas e a dificuldade de contorná-los com atitudes dignas de ambas as partes (ZAGHENI, 1999). Por

³² Romarias ou ramagens constituem uma tradição constante na prática religiosa do povo brasileiro. De origem medieval, as romarias chegaram no Brasil através da cultura lusitana, e têm a finalidade de exprimir a fé e homenagear o santo cultuado. Com muita frequência, essa expressão de fé se manifesta pelo pedido de uma graça ou cumprimento de uma promessa. Deste modo, visita-se o santo tanto para pedir como para agradecer os favores recebidos do céu. “Romaria provém dos termos *romerus*, *romerius*, *romipeta* ou *romarius*, nomes dados aos peregrinos que a partir do século VI se dirigiam para Roma, devido à expansão muçulmana na Terra Santa, interrompendo de certo modo fluxo de peregrinos que para lá se dirigiam”. (AZZI, 1978, p. 77).

³³ Segundo Maria A. Vilhena, “O termo turismo religioso possui uma conotação secularizada e nos remete a uma estrutura de significado que se afirma de fora para dentro do campo religioso. Ou seja, o turismo religioso é externo e vem usado preferencialmente em contextos político-administrativos”. (ABUMANSUR, 2003, p. 35).

³⁴ Segundo Mário Carlos Beni defini *Marketing* “como a totalidade de estudos e medidas que determina a estratégia de lançamento e a sustentação de um produto ou serviço no mercado consumidor, garantindo seu êxito comercial. É mais do que a mera comercialização de um produto qualquer”. (2004, p. 207).

outro lado, havia uma demanda por conta de carências econômicas, uma vez que as pessoas não foram favorecidas como o prometido em suas novas conquistas. A maneira encontrada foi partirem para o trabalho fora dos seus *comuni e provincie*, fora dos confins territoriais onde viviam em situações de privação. Essa maneira de proceder provocou um espantoso processo de migração. E, assim, o homem migrante, acreditando no progresso, encontrou como saída a busca por novas paragens. O seu destino era a tão desejada *cuccagna*. Esse movimento ampliou enormemente os limites da vida e satisfaz uma gama cada vez mais ampla de necessidades. Uma vez realizados, e tendo tornado suas vidas mais repletas, continuam seus descendentes a fazer *la Merica* na figura de Santa Paulina. Esgotando-se a busca pela satisfação das necessidades financeiras ditadas por interesses econômicos, os neotrentinos viram-se favorecidos pela beatificação e canonização de Santa Paulina.

Como somos herdeiros de uma tradição judaico-cristã, a religião nasce no momento em que o homem começa a sentir a morte como problema individual. Aqui, se entende que a sustentação da religião não é a espiritualidade, autenticidade existencial, não é a coragem de arriscar a liberdade, não é a individualidade ou a existência profética, mas o coletivo em forma de clube e de folclore tradicional (DREWERMANN, 2004). A religião está no humano e é necessária porque, para responder a questões absolutamente humanas, precisamos de uma base que a natureza não oferece. Não significa que o ser humano seria um resultado experimental ou ensaio da natureza, mas sim a condição que nos deu de questionamento, para o qual ela mesma não tem respostas (DREWERMANN, 2004).

Assim, a religião constituiu um marco fundamental do início da ocupação, colonização, exploração e urbanização, não só de Nova Trento, mas também das regiões circunvizinhas. E como afirma Nietzsche (1999, p. 434) “[...], foi a moral que protegeu a vida do desespero e do assalto no nada, naqueles homens e classes que foram violentados e oprimidos por homens”. Neste contexto temos todo o processo da diáspora italiana, pelo empoderamento³⁵ da *cuccagna* contraída nos moldes do catolicismo romanizado.

Considerações finais

Ao longo desta pesquisa, pretendemos mostrar os fundamentos da imigração italiana, tendo como exemplo a história e a religião em Nova Trento, no período de 2005 a 2014. Para tanto, foi feita pesquisa em diversos arquivos e bibliotecas; entrevistas utilizando-se da metodologia da história oral, bem como respaldo teórico em alguns autores que tratam dos temas aqui abordados.

As noções de imigração italiana e seus aspectos de ofertas de produtos como fator culminante para alavancar Nova Trento, terra onde viveu e trabalhou Santa Paulina, estão em evidência na investigação, como linguagem significativa na evolução humana e atualmente mais forte, como um promissor filão econômico para deslanchar o município. O tema é envolvente; as fontes sofisticadas, e houve uma relação visceral com o método, no entendimento de preocupações que permeiam a visão de mundo de homens e mulheres que buscam o encontro com o eu interior num ambiente de religiosidade, num lugar rodeado pela natureza, cujo interesse

³⁵ Quanto à categoria empoderamento, vem do inglês *empowerment*, e tem sido utilizada por autores que estudam formas de desenvolvimento alternativo. Empoderamento significa fornecer a outros o poder para tomar alguma ação. Na visão sociológica, este procedimento enfatiza a habilidade para lidar com seu contexto, de indivíduos ou grupos. O empoderamento inclui componentes psicológicos, (pessoas esclarecendo seus objetivos e desenvolvendo o sentido de eficácia e desenvolvendo habilidades), componentes sociais, (pessoas ou grupos entendendo o contexto no qual estão operando e desenvolvendo influências e técnicas de poder efetivos). Ver: (FRIDMANN, 1996); (STARK, 1996 apud LISBOA, 2003. p. 23).

em conservá-la caracteriza-o como uma territorialidade ecológica. Aqui se vê a natureza como aquela originária da *physis* para os pré-socráticos, e a natureza humana, como para Carl Marx, que usufrui e é usufruída.

Nova Trento, na sua origem e evolução, apresenta características que justificam um estudo exploratório de sua realidade, até porque ainda não se tem notícia que abordasse as impressões sobre os passantes que por lá caminham em direção ao Santuário de Santa Paulina do Coração Agonizante de Jesus. A submersão nesse estudo não foi apenas uma busca de fatos inertes do passado, mortos e superados, uma vez que “a única coisa que ela (a História) é realmente boa é em encontros” (SCHORSKE, 2000, p. 242). Neste viés, através das discussões da historiografia atual a respeito da identidade, do conceito de cidadania e da redefinição do sujeito, com base nessa revisitação filosófica, encontramos novas formas de análise. Como da carne, do sangue e dos ossos, ele é consubstancialmente feito da história, e neste contexto, não pode ser compreendido exclusivamente por seus conteúdos físicos ou psicológicos, mas como a “encarnação” de toda a história que o precede (SAFATLE, 2004, p. 8-9).

As lutas em torno da identidade étnica ou regional, quer dizer, em torno de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à origem através do lugar de origem, bem como das demais marcas que lhe são correlatas, [...] constituem um caso particular das lutas entre classificações, lutas pelo monopólio do poder de fazer ver e de fazer crer, de fazer conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por essa via, de fazer/desfazer os grupos. (BOURDIEU, 1998, p. 10).

Através da imigração europeia, a formação de Nova Trento compreende, ainda, o imaginário sobre as construções religiosas. Foram apontados, na pesquisa, o histórico, as tradições e a cultura, fazendo a identificação do povo local, verificando a participação de peregrinos e turistas, visto que são eles que estão determinando a economia local e da região em que se concentra a valorização do evento religioso. Os neotrentinos, que outrora vieram de um país longínquo, fazem parte de um município que se tornou, por sua vez, um local de migração, passando a abrigar e a acolher uma população bastante heterogênea, formada por brasileiros e estrangeiros; enquanto os estrangeiros, como italianos e alemães que vivem e habitam ali ocupam um posto relevante na sociedade neotrentina.

A estreita ligação do município com a Igreja Católica, sendo 95% da população católica, promove entre a população que convive com essa realidade uma imagem da instituição como caritativa e prestativa e ainda faz essas “representações sobre a mesma realidade” (PATLAGEAN, 1990, p. 198). Dentro da perspectiva política, vem ao nosso encontro Hannah Arendt (2008, p. 61): “há muitas coisas que não podem suportar a luz implacável e crua da constante presença de outros no mundo político”.

Nesse sentido, a construção da narrativa pela História Oral foi capaz de suscitar, e não solucionar, perguntas, demonstrando práticas, estratégias e discursos, no debate sobre o campo questionado. As conclusões não intentam ser o fim único e homogêneo de fatos constatados ou hipotéticos, mas sim um olhar sobre mais uma página que começa a ser escrita no município de Nova Trento.

A saída, para muitos europeus, foi a imigração para os países vizinhos e, depois, para lugares mais distantes, na grande diáspora transoceânica, sendo a América do Norte, Central e do Sul destino de muitos. A *terra brasilis* foi vista graças à ação dos propagandistas no Velho Mundo como uma terra de fartura e bem-estar, a *cuccagna* medieval que atravessou séculos e embalou os sonhos de milhares de pessoas que buscavam uma melhor condição de vida, fazendo assim a sua América. As vantagens oferecidas pelo Governo Imperial acenderam ainda mais

a ânsia dos grupos provenientes, principalmente do Norte da Itália.

Assim, acontece a instalação dos europeus em terras brasileiras. Para o Sul do Brasil vieram italianos, alemães, poloneses e tantas outras etnias. Nesta pesquisa, foram englobados os imigrantes vindos do Norte da Itália, que naquele momento de procurar a *cuccagna e far la Merica*, faziam parte do território da Áustria. Com eles, trazem nos seus baús a sua cultura e a forma de interpretá-la, sendo a religião o agregador maior que norteava a sua razão de ser e de estar. Religando as formas culturais do Velho Mundo com a nova realidade que se apresentava em terras catarinenses, seria possível transportar o modo de vivenciar a religião nas suas paróquias, trazendo para cá os santos e padroeiros cultuados no *paese*, por exemplo. Dessa maneira, dava-se sentido às práticas religiosas vivenciadas antes da imigração, e religava-se de forma vertical Nova Trento à Igreja Triunfante, enquanto na horizontal dava-se a ligação de Nova Trento com a Itália.

Com isso, a necessidade de algo visível para representar a sua fé, para mostrar a direção a seguir e o ponto de reunião, de encontros, de vendas, servia para todos os fins comunitários e econômicos. Logo, as capelas foram sendo construídas, recebendo os nomes dos padroeiros de origem, o que servia para (re)lembrar o que deixaram para trás.

Os neotrentinos, nos primeiros momentos, foram atendidos pelo padre Alberto Gattone, pároco de Brusque. Alguns anos depois, em Nova Trento, foram fincados os rizomas dos padres da Companhia de Jesus, imprimindo um caráter religioso em todos os âmbitos, passando o município a ser conhecido em Desterro como um município conventual. Pode-se até conjecturar a implantação de uma república jesuítica por lá. Na leva dos primeiros desbravadores de 1875, vieram a família Visentainer, da qual uma das suas filhas, Amabile, desabrochada nessas paragens, funda a Congregação das Irmãszinhas da Imaculada Conceição, subindo aos altares, em 2002, para se tornar a primeira Santa do Brasil e de Trento, na Itália.

Vários meios são usados para dar vulto à cidade, fazendo dela um ponto de atração turística a mais, uma vez que, até então, não tinha como se dar visibilidade, tornando-se conhecida do público em geral. Era, antes, uma cidade “nostálgica com o passado” (LE GOFF, 1994, p. 220), sem maior destaque, conhecida como um lugar permeado de italianidade, mas sem representatividade, e berço de formação religiosa, mesmo acontecendo a cada ano a festa de *Incanto trentino*, que não fazia dela um estandarte de expressividade e sim “seletiva, cuja versão é trazida a público através de emblemas de um passado seletivo, pelos fazedores de festas” (FLORES, 1997, p. 46). Os neotrentinos são arraigados no apego aos seus antepassados, identificando-se nas “[...] maneiras de fazer [que] constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural” (CERTEAU, 1994, p. 41).

O seu desenvolvimento no terceiro setor, o comércio, se dá pelas concessões feitas por parte da prefeitura para a implantação das indústrias calçadistas na cidade, desta forma alcançando-o e empregando pessoas oriundas de outros estados e da própria cidade. Já o potencial turístico é baseado na atividade religiosa, ligando-se com os outros polos turísticos da região como Brusque e Balneário Camboriú, entre outros. Nota-se, também, um forte índice de feminização, pela tomada de decisão das mulheres frente ao trabalho administrativo e gerenciador dentro do complexo visível, religioso e comercial. Já os homens, geralmente, vão trabalhar em vários setores e segmentos fora da cidade, muitas vezes até morando onde trabalham e retornando no final de semana. A ação de procurar emprego longe da cidade se dá em função da falta de trabalho, e também por estar na origem dos neotrentinos a busca pelo meio para a sobrevivência longe das famílias, como já vimos, quando os antepassados partiram para terras estrangeiras.

O trabalho que as mulheres executam no comércio está, sem dúvida, ligado à figura de Santa Paulina, uma mulher em uma cidade rodeada pelos seus aspectos bucólicos, com dois Santuários cujos padroeiros são duas santas, a prefeitura governada por uma mulher. Além dis-

so, são as Irmãzinhas que dão continuidade às atividades da Madre Fundadora, reformulando os aspectos naturais do território do Santuário e, com isso, entretendo as pessoas que por lá passam. Sem elas, não seria possível a dimensão holística do Santuário e do Município, sendo o primeiro santuário em toda a América do Sul sob a direção de mulheres. A aparição da Santa e sua divulgação pelas mídias do município permitem um entrelaçar, um casamento; mas este matrimônio não é perfeito, porque as pessoas não param na sede, quase todas seguem até Vígolo. Por outro lado, é lá que se encontram os artefatos cenográficos para o público-alvo, e as Irmãzinhas fazem uso de todos os objetos relacionados à Santa, ou que a possam representar, (re)construindo-os. Desse modo, em Vígolo, se observa a instrumentalização do espaço sagrado por um revestimento econômico, seguindo a tendência do mercado, aproveitando tudo o que se pode elaborar para alavancar o município através da experiência religiosa dos passantes. Dessa forma, os neotrentinos estão dando continuidade à *cuccagna*, tão desejada por seus antepassados, sendo Santa Paulina um instrumento novo para esta realização.

Chegamos ao término da jornada iniciada há vários meses atrás, caminhando a pé pelas ruas e vielas de Nova Trento em direção a Vígolo. Sentíamos-nos “ligados” ao caminhar por lá, lembrávamos o que tínhamos lido e estudado. Depois desse percurso, concluir a pesquisa não significa ter chegado ao seu final absoluto. Pelo contrário. A partir da jornada encerrada, mas não concluída, temos a certeza de que há muito para desvelar, construir, escrever, impulsionar. Esse concluir não significa que o fim de um dia seja ruim; mas, sim, é o momento de relembrar o que ocorreu, as caminhadas feitas, o que se deixou de fazer e sentar para ver os passantes demonstrarem, ao sugar o néctar das flores das Irmãzinhas, o quanto se tem para aprender com o pôr do sol e a espera da aurora. Assim é Vígolo, aprendendo a produzir construindo um cenário rico em contribuições para o turismo e para a economia que não teria sentido sem a beatificação e a canonização de Madre Paulina.

Referências

ABUMANSSUR, E. S. **Turismo religioso**: ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas: Papyrus, 2003.

ALVES, E. D. **Discurso religioso católico e normatização de comportamentos**: São Ludgero (SC)1900-1980. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1988.

ALVIM, Z. M. F. **Brava gente! Os italianos em São Paulo**: 1870-1921. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ANTONIAZZI, A. et al. **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

AZEVEDO, M. Q. **O culto a Maria no Brasil**: história e teologia. Aparecida: Santuário; Academia Marial, 2001.

AZZI, R. **A crise da cristandade e o projeto liberal**: história do pensamento católico no Brasil-II. São Paulo: Paulinas, 1991.

- BACZKO, B. **Imaginação Social**. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Oficial - Casa da Moeda, 1985.
- BALBENOT, E. **Liturgia e política**. Chapecó: Grifos, 1998.
- BALDIN, N. **Tão fortes quanto a vontade**. Florianópolis: Insular; UFSC, 1999.
- BANDUCCI JUNIOR, A.; BARRETTO, M. **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2003.
- BASSETTI, José Eduardo Pioli. **Basílica de Aparecida: Santuário do Brasil**. Florianópolis: Aventura Brasileira, 2004.
- BERNADETTE Subirous. **Le Centuriom**, Paris, 1979. Disponível em: <<http://www.autores-catolicos.org/felipesantossantabernardita.htm>>. Acesso em: 15 set. 2014.
- BENJAMIM, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. 10. ed. São Paulo: SENACSP, 2004.
- BERTELLI, B. et al. **Cultura e Sviluppo: Un'indagine sociologica sugli immigrati italiani e tedeschi nel Brasile meridionale**. Organização de Renzo Gubert. Milano: Franco Angeli, 1995.
- BERTOLINI, J. Paulina: a primeira santa do Brasil. **Jornal de Santa Catarina/ Diário Catarinense**, Florianópolis, 19 maio 2002. Guia da Canonização.
- BESSEN, J. A. **Madre Paulina: uma surpresa de Deus**. Florianópolis: Mundo e Missão, 1999.
- BOITEUX, H. C. **Esboço Biográfico**. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Graphica, 1929.
- BORRIELLO et al. **Dicionário de Mística**. São Paulo: Paulus, 2003.
- BOSI, A. **Dialética da colonização**. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- BOURDIEU, P. **A Economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: EDUSP, 1998.
- BRACANTI, A. **Fare Storia-Nuova**. Edizione riveduta e aggiornata III. Firenze: La Nuova Italia, 1985.
- BRIGHENTI, A. **Por uma evangelização inculturada**. São Paulo: Paulinas, 1998.
- BAUDRILLARD, J. **A Sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1991.
- CAIRNS, E. E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

- CAMPOS, C. F. Achegas para a história de Brusque. In: **Álbum do 1º Centenário de Brusque**. Brusque: Sociedade Amigos de Brusque, 1960.
- CAPPELLI, A. **Cronologia, Cronografia e Calendario Perpetuo**: dal principio dell'era cristiana ai nostri giorni. Milano: Hoepli, 1988.
- CAVOUR, C. B. **La questione romana negli anni 1860**: 1861. Vol. I. Bologna: Zanichelli, 1929.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CONSTITUIÇÕES E DIRETÓRIO: Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição. São Paulo: Casa Geral, 1997.
- COSTA, R. **Imigração italiana**: vida, costumes e tradições. Porto Alegre: EST, 1981.
- CASTRO, A. M.; DIAS, E. F. **Introdução ao pensamento sociológico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Eldorado, 1977.
- CADORIN, J. **Nova Trento outra vez ...** Nova Trento: Prefeitura Municipal, 1992.
- CHARTIER, R. O olhar do historiador modernista. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- CHAUVEAU, A. **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999.
- DALLABRIDA, N. **A fabricação escolar das elites**: o ginásio catarinense na Primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.
- DALL'ALBA, J. L. **Imigração italiana em Santa Catarina**: documentário. Caxias do Sul: EDUCS; Florianópolis: Lunardelli, 1983.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 5. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- DREWERMANN, E. **Religião para quê?** Buscando sentido numa época de ganância e sede de poder. Em diálogo com Eugem Drewermann. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes. 2000.
- EICHER, P. **Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1999.
- FIORES, S.; GOFFI, T. **Dicionário de espiritualidade**. São Paulo: Paulina, 1989.
- FINARDI, J.; BUZZI, J. **A colonização italiana de Ascurra**: subsídios para a história do município, 1876-1976. Ascurra: Gráfica 43, 1976.
- FINESSI, Fulvio apud SIMONI, Karine. **Sonhar. Viver e recordar**: memórias dos nonos de Xavantina (1920-1950). Florianópolis: Insular, 2002.

FLORES, M. B. R. **Oktoberfest**: Turismo, Festa e Cultura na Estação do Chopp. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

FOUCAULT, M. **Da arqueologia do saber à estética da existência**. Rio de Janeiro: NAU; Londrina: CEFIL, 1998.

_____. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

FRANCO JUNIOR, H. **A Idade Média**: nascimento do Ocidente. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

FRANÇA, M. C. **Pequenos centros paulistas de função religiosa**. Vol. I e II. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. 45. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

FRIDMANN, J. **Empowerment**: uma política de desenvolvimento alternativo. Oeiras: Celta, 1996.

FROSI, V.; MIORANZA, C. **Dialetos Italianos**: um perfil linguístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul. Caxias do Sul: EDUCS, 1993.

GROSSELLI, R. M. **Vencer ou Morrer**: Camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras. Florianópolis: UFSC, 1987.

JUNKES, L. **De Pedro a João Paulo II**: 2000 Anos da Igreja de Jesus Cristo. Florianópolis: L&TJ Paróquia Sma. Trindade, 2000.

HALBWACHS, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: Vértice, 1990.

SILVA, A. A. Mulheres no ataque: depoimento. [9 de junho, 1996]. **Revista da Folha de São Paulo**, São Paulo, 1996. Entrevista concedida a Cristiana Couto.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HOUAISS, A. et al. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

HERING, M. L. R. **Colonização e Indústria no Vale do Itajaí**: o modelo catarinense de desenvolvimento. Blumenau: FURB, 1987.

LACREE, M. **O tempo das paixões**: praguejadores e turiferários (1830-1914). Bauru: EDUSC, 2002.

LAZZAROTTO, D. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Sulina, 1971.

- LEÃO XII. **Encíclica Rerum Novarum**: 1891. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1959.
- LE GOFF, J. **História e memória**. 3. ed. Campinas: EdUNICAMP, 1994.
- LE GOFF, J.; NORRA, P. **História**: novas abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- LEVI, G. Sobre a micro-história. In: BURKE, P. **A escrita da história**: novas perspectivas. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1992.
- LIBANIO, J. B. **As lógicas da cidade**: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé. São Paulo: Loyola, 2001.
- LISBOA, T. K. **Gênero, Classe e Etnia**: trajetórias de vida de mulheres migrantes. Florianópolis: EdUFSC; Chapecó: Argos, 2003.
- LUTTERBERCK, J. A. **Jesuítas no sul do Brasil**. São Leopoldo: UNISINOS, 1977.
- LYON, D. **Pós-modernidade**. 2. ed. São Paulo. Paulus, 2005.
- MADRE MATILDE. **História da Congregação**. São Paulo, [s.n.],1919.
- MADRE PAULINA. Biografia Comentada. In: **Positio sobre a vida e as virtudes**. Roma: [s.n.],1986.
- MARCHIORI, T. **Madre Paulina**. Florianópolis: [s.n.], 1989.
- MARIANO, R. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.
- MARQUES, A. M. **Nova Trento em Canto de Fé**. Itajaí: UNIVALI, 2000.
- MARQUES, A. N. **Imigração italiana**: edição comemorativa do Centenário de Urussanga 1878-1978. Urussanga; [s.n.], 1978.
- MASTRONI, G. **La società italiana dall'unificazione alla Grande Guerra**. Roma-Bari: Laterza, 2002.
- MATOS, E. O. **Arquidiocese de Florianópolis**: preservando a sua história. Florianópolis: [s.n.], 1996.
- MONTI, A. **I braccianti**. Bologna: Il Mulino, 1998.
- MORSELLI, E. **Dizionario di filosofia e scienze umane**. Milano: Signorille, 1981.
- MOSCONI, L. **Santas missões populares**: uma experiência de evangelização voltada para as massas. São Paulo: Paulinas, 1996.
- NARDONI, F. **La Sacra Bibbia** – traduzione Italiana dai testi originali: Esodo, 33, 3. Italia:

Libreria Editrice Fiorentina, 1960.

NEGRI, T. S. et al. Bem-aventurada Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus: Fundadora da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição. In: **Anuário 1991 Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição**. São Paulo: Loyola, 1991.

NIETZSCHE, F. **NIETZSCHE: Vida e Obra**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

OLIVEIRA, C. D. M. **Basilica de Aparecida: um templo para a cidade-mãe**. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

PATLAGEAN, E. A história do imaginário. In: LE GOFF, J. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

PIAZZA, W. F. **Nova Trento**. Florianópolis: Lunardelli, 1950.

_____. **A igreja em Santa Catarina: notas para sua história**. Florianópolis: UFSC, 1987.

PIO IX. **Encíclica Quanta Cura Syllabus: sobre os erros do Naturalismo e Liberalismo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1959.

PIVA, C. J. **O Santuário Carregado às Costas**. São João Batista: Gráfica Guarany, 1999.

PORTELLI, H. **Gramsci et la question religieuse**. Préface par Jean Pierre Cot. Paris: Éditions Anthropos, 1984.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUEZ, A. A.; CASAS, J. C. **Dicionário Teológico da Vida Consagrada**. São Paulo: Paulus, 1994.

ROMANO, S. **Storia d'Italia dal Risorgimento ai nostri giorni**. Milano: Longanesi & C., 1998.

SAFATLE, V. A vida como reality show. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 fev. 2004.

SANTA PAULINA do Coração Agonizante de Jesus: a primeira Santa do Brasil. Florianópolis: Letras brasileiras, 1991.

SANTOS, R. I. C. **A terra prometida - emigração italiana: mito e realidade**. 2. ed. Itajaí: UNIVALI, 1999.

SEBRAE Nacional - Plano Integrado de Desenvolvimento de Turismo Sustentável: Nova Trento. Nova Trento; Sebrae, 2005.

SCHORSKE, C. E. **Pensando com a História: indagações na passagem para o modernismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

SCHWIKART, G. **Dicionário ilustrado das religiões**. Aparecida: Editora Santuário, 2001.

SERPA, I. C. **Os engenhos de Limeira: história e memória da imigração no Vale do Itajaí**. Itajaí: UNIVALI, 2000.

SEYFERTH, G. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: UnB, 1990.

SILVA JÚNIOR, A. M. **Catolicismo, poder e tradição: um estudo sobre as ações do conservadorismo católico brasileiro durante o bispado de Dom Geraldo Sigaud em Jacarezinho (1947 – 1961)**. Assis, 2002.

SIMONI, K. **Sonhar, viver e recordar: memórias dos nonos de Xavantina (1920-1950)**. Florianópolis: Insular, 2002.

SOLIMEO, G. A.; SOLIMEO, L. S. **Rainha do Brasil: a maravilhosa história e os milagres de Nossa Senhora da Conceição Aparecida**. 4. ed. São Paulo: Diário das Leis, 1992.

VIVANTI, C. **Elementi di Storia 3: Il mondo contemporaneo**. Milano: Marietti, 1982.

WEBER, M. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1991.

WILGES, I. **Cultura religiosa**. São Paulo: Vozes, 1983.

WOBETO, A. **Santuários: onde Deus se encontra com os homens**. São Paulo: Loyola, 1982.

XU, D. Cidade aposta no turismo religioso. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 6 de abril de 1999, p. 3.

ZAGHENI, G. **A Idade Contemporânea: Curso de História da Igreja IV**. São Paulo: Paulus, 1999.

ZILLES, U. **O problema do conhecimento de Deus**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1989.

Entrevistas

ALVES, E. D. 58 anos. Florianópolis. Entrevista concedida a José do Nascimento, em 2 ago. 2014.

HALL, S. Entrevista com Stuart Hall. **Revista Controvérsia**, Santo André (SP). Entrevista concedida a Heloisa Buarque de Hollanda e Liv Sovik. Disponível em: <<http://www.controversia.com.br/index.php?act=textos&id=16761>> . Acesso em: 23 set. 2014.

ORSI, A. J. 45 anos. Nova Trento. Entrevista concedida a José do Nascimento. Nova Trento, 17 ago. 2014.

Artigo recebido em 15/06/15. Aceito em 17/08/15.